



Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Instituto de Artes

Departamento de Artes Visuais

Licenciatura em Artes Visuais

Guadalupe Rausch Tomazzoli



Porto Alegre

2014

Guadalupe Rausch Tomazzoli

Olhar Aquarelado

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito para a obtenção do título de Licenciatura em Artes Visuais do Curso de Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS.

Orientadora: Prof. ^a Dr. ^a Laura Castilhos

Banca Examinadora: Prof. ^o Dr. ^o Luciano Bedin

Prof. ^a Dr. ^a Paola Zordan

Porto Alegre
2014



Dedicatória

Dedico este trabalho a Manoel de Barros, poeta brasileiro que há pouco tempo descobri, com suas poesias sobre as coisas pequenas, as coisas invisíveis, as coisas que desejam ser olhadas de azul. Deixou de herança uma obra prima que o faz ser reconhecido como um artista inventor das palavras. Criou uma porção de novas palavras, sendo necessário, às vezes, um dicionário de Manuelês. Seu livro está em minha cabeceira, cada dia descubro uma nova poesia. Manoel vai nos deixar saudades, mas suas palavras sempre nos ajudarão a *transver* o mundo.



Agradecimentos

Este trabalho recebeu a contribuição de diversas pessoas, cada uma da sua forma, com idéias, pensamentos, autores, imagens, textos, poesias. Por isso gostaria de primeiramente demonstrar minha gratidão.

À Laura Castilhos agradeço por ter aceito o meu convite e pelo seu tempo dedicado na orientação oferecida. Assim como agradeço por me apresentar a aquarela, afinal de contas, foi na sua aula que tive o meu primeiro contato com ela. Este trabalho dependeu deste encontro que para mim foi muito significativo.

Ao Luciano Bedin agradeço por apreciar os meus textos. Pela primeira vez na Universidade pude mostrá-los, fazendo algum sentido dentro do meio acadêmico. Isto me motivou a elaborar o Trabalho de Conclusão. Agradeço pelos livros emprestados, pelas leituras indicadas, pelas idéias aquareladas.

À Paola Zordan agradeço pelo apoio que me ofereceu nas aulas de orientação do estágio em escola. Suas idéias me serviram de inspiração, assim como sua atuação como professora me inspira na minha prática.

Aos três agradeço por me permitirem escrever de forma poética aquilo que penso e acredito. Há também outras pessoas que me apoiaram de outras formas e que me possibilitaram condições para que me dedicasse neste trabalho.

À Vera Maria Rausch, agradeço o apoio que me oferece para realizar aquilo que aspiro. Assim como agradeço por me oportunizar desde criança o contato com a *Arte*, me motivando para criar e descobrir formas de me expressar e experimentar.

Ao Aldo Böger Torres, agradeço por ser escuta e braços acolhedores. Agradeço as ajudas práticas para realizar este trabalho, e também por me apoiar nos meus sonhos e por me inspirar com suas idéias e pensamentos.

À Alice Tesseler Krueel agradeço o acolhimento, o carinho e inspiração.



As coisas não querem mais ser vistas por pessoas razoáveis:
Elas desejam ser olhadas de azul –
Que nem uma criança que você olha de ave.

Manoel de Barros

Resumo

O texto que segue trata de uma pesquisa poética realizada a partir da técnica da aquarela. Aspectos ligados à aquarela como a água e a mancha são assuntos desenvolvidos neste trabalho. O título *Olhar Aquarelado* refere-se à um olhar sensível focado na aquarela, e também a um olhar que é uma forma de ver e experienciar o mundo. A partir destas reflexões foram criadas *Proposições Aquareladas*, propostas de experiências com aquarela voltadas para crianças, adultos, artistas e amadores. O ensino da aquarela ganha corpo a partir destas proposições e de relatos de experiências realizadas a partir delas. O amadorismo também é um assunto levantado ao longo do texto.

Palavras-chaves: Aquarela; Olhar; Mancha; Experiência;
Amadorismo; Ensino da Aquarela.

Abstract

The text that follows deal with a poetic search realized from the watercolor technique. Aspects connected with watercolor as water and stain are subjects developed in this work. The title *Watercolored Look* refers to a sensitive eye focused on watercolor, and also a look that is a way of seeing and experiencing the world. From these reflections were created *Watercolored Propositions*, proposals of experiences with watercolor geared towards kids, adults, artists and amateurs. The watercolor teaching takes shape from these propositions and experience reports made from them. Amateurism is also an issue raised throughout the text.

Keywords: Watercolor; Look; Stain; Experience;

Amateurism; Teaching of Watercolor.



Olhar Aquarelado

Sumário

Introdução	13
Por que a aquarela?.....	14
Um pouco de sua história.....	15
Um pouco sobre as minhas aquarelas.....	17
Olhar Aquarelado	
A água.....	23
A mancha	24
Conversas com a mancha.....	28
O Olhar Aquarelado	32
Janelar	33
Que olhar é esse?.....	36
Experiência	38
Aquarelar Ama(do)r	40
O cavalo que queria ser mancha	42
No Reino da Aquarela	46
Proposições Aquareladas	49
Relatos Poéticos de Algumas Experiências Aquareladas.....	58
Da água.....	58
As cores.....	59
As manchas.....	61
Papel molhado.....	65
Aquarela Botânica.....	66
Janelada na escola.....	67
A aquarela pra mim, depoimentos de alunos.....	68
Fotografias.....	70
Um Fechamento Aberto.....	74
Bibliografia	78



Introdução

O meu primeiro contato com a aquarela foi numa disciplina oferecida pela professora *Laura Castilhos* durante o curso de Artes Visuais. Para mim o encontro com a aquarela foi algo muito importante. Nunca considerei meu desenho uma grande coisa e na pintura tive experiências frustrantes. Sentia-me uma péssima desenhista e nunca poderia me chamar de pintora. A aquarela de certa forma está entre a pintura e o desenho. E este encontro com ela me fez resgatar questões do desenho e da pintura. E por ela ser difícil de ser controlada uma opção é deixar fluir. E neste fluir me senti livre para experimentar, sem medos de estar bom ou ruim, certo ou errado.

Neste escrito que se chama *Olhar Aquarelado* gostaria de homenagear a aquarela, sua história, suas técnicas. Gostaria de compartilhar um olhar que eu fui descobrindo ao longo dos meus experimentos aquarelados. Este olhar poético se chama *olhar aquarelado*, que é um jeito de ver a aquarela, mas também um jeito de ver o mundo. Gostaria de homenagear os amadores da aquarela, e também compartilhar proposições aquareladas que criei baseadas em experiências anteriores, que gostaria de pôr em prática com crianças e adultos, incluindo eu mesma.

Por que a aquarela?

Na minha pequena trajetória na educação, como aluna ou como professora, observei que, em geral temos pouco acesso ao ensino da aquarela. Na escola muitas vezes não há o ensino dela, pois a técnica exige tempo e material adequado. Durante o meu curso no Instituto de Artes tive apenas uma disciplina referente à aquarela, como já citei anteriormente.

Acredito que a aquarela pode contribuir para a qualidade de vida das pessoas. Há um teórico da Ciência da Computação, chamado *Valdemar W. Setzer*¹, que diz que “a aquarela é uma atividade ideal como antídoto do pensamento computacional”. Na nossa contemporaneidade passamos mais tempo imersos num mundo virtual do computador que tendo experiências verdadeiras e presenciais. O pensamento computacional é um tipo de pensamento rizomático, com lógica imediata e automatizada, que pode causar tensão nervosa, insônia, falta de apetite e dificuldades no relacionamento social aos programadores e usuários intensos de computador. Crianças que usam o computador muito cedo são obrigadas a usar um pensamento computacional antes que seu intelecto esteja maduro para isso. A aquarela é ideal como antídoto deste tipo de pensamento maquinal porque permite improvisar, brincar, experimentar. Exige olhar atento, paciência, presença. Produz calma interior, leveza e fluidez.

1. SETZER, Valdemar W. Um antídoto para o pensamento computacional . Disponível em:
<http://www.ime.usp.br/~vwsetzer/antidoto.html>. Acesso em 3 de junho de 2014

Um pouco de sua história²



Albrecht Dürer. Lebre jovem. Aquarela e guache em papel, 22,5 x25 cm, 1502.

É difícil determinar uma data para o surgimento da aquarela. Ela surgiu na China, provavelmente na mesma época da invenção dos pincéis macios de pêlo de coelho. Suas origens também estão intimamente ligadas à história do papel, também inventado na China, a cerca de dois séculos ac.

Artistas do Renascimento Italiano realizavam “aguadas” sobre desenhos, as quais hoje podemos chamar de desenhos aquarelados. A respeito de alguns desenhos de

Rubens (1577-1640) e de *Rembrandt* (1606-1669), o mesmo pode ser dito. Já *Albert Dürer* (1471-1528) realizou aquarelas sobre pergaminho e sobre papel.

A aquarela atingiu seu ponto máximo na Inglaterra, em fins do século XVIII. Os ingleses desenvolveram a técnica com paixão e sabedoria. *Joseph Turner* (1775 – 1851), excelente paisagista, foi um grande aquarelista, um dos iniciadores da tradição inglesa no domínio da técnica. A partir daí, a prática da aquarela popularizou-se em todo continente europeu.

2. Estas informações históricas foram todas retiradas do livro *Iniciação à Pintura*, de Edson Motta, e do catálogo da exposição *Aquarela Brasileira*, com curadoria de Alberto Kaplan:

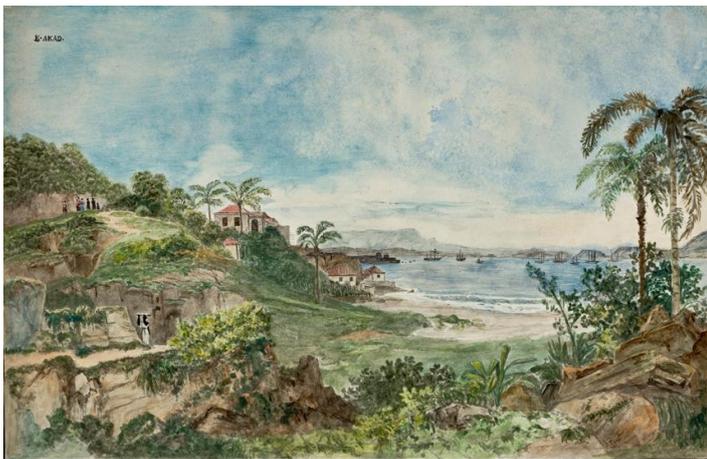
MOTTA, Edson. *Iniciação à Pintura*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1976. P 95 – 103.

KAPLAN, Alberto. *Aquarela Brasileira – Catálogo de exposição*. Rio de Janeiro: Centro Cultural Light, 2001.



Albrecht Dürer. Ancolie (Aquilegia vulgaris).
Aquarela, 36cm X 29 cm, 1503-1533

Navegadores, topógrafos, naturalistas e artistas viajantes começaram a utilizar esta técnica como ilustração de seus diários de viagens. No Brasil, a aquarela encontrou um campo fértil para artistas viajantes, encantados com as cores e a natureza exuberante de uma terra até então desconhecida pelos europeus. Dentre eles se destacam *Thomas Ender* (1793 – 1851) e *Jean Baptiste Debret* (1768 – 1848). Com sensibilidade e talento, a aquarela possuía um sentido documental, registrando aspectos ligados aos usos, costumes e fisionomia urbana das cidades brasileiras.



Thomas Ender. Paisagem da Guanabara. Aquarela sobre papel.
41 x 27 cm. Rio de Janeiro, 1818.



Debret. Sem título. Aquarela, Museu Castro Maya,
Rio de Janeiro, 1822.

Um pouco sobre as minhas aquarelas



Guadalupe Rausch. Aquarela da série “Le Café Fou”, 148 × 210mm, 2013.

Nas minhas aventuras aquareladas experimento³.

*Misturo cores, deixo manchar,
trabalho em parceria com o acaso,
me abro para a surpresa,
não sei onde vou chegar.*

Desenho um traço e mancho ele com água.

Pinto com a água que limpei o pincel.

*Faço manchas, faço bolinhas coloridas,
respingo tinta. Deixo o vento secar.*

Magenta, amarelo e azul

dançam e misturam-se como querem.

nunca chego a mesma cor que antes.

Uma cor é sempre única e não tem manual.

Deixo-as mancharem. Deixo-as invadirem o papel.

O traço impreciso se prepara para diluir-se.

A água não tem piedade dele.

Se está no papel é para se manchar.

Quem está na chuva está pra se molhar.

Quem aquarela, amolecido pode estar.

E todas suas idéias diluídas podem ficar.

3. Ao longo do texto irão surgir trechos em *itálico* como este. São pequenos textos poéticos de minha autoria.

Compartilho aqui três distintas experimentações aquareladas do meu trabalho pessoal (ou do meu amadorismo):

- I. *Crônicas da Redenção*: Levei meu material para o parque. Papel, pigmento, pincel, e água. E uma caneta daquelas que imitam nanquim e que mancham quando molham. Observei o movimento do parque. As pessoas andando, as bicicletas, o vento, as árvores, as flores caídas, os cachorros, as pombas, os namorados, os mendigos. Desenhei, aquarelei e deixei o vento secar a tinta. E o que encontrei foram aquarelas com gestos rápidos e manchas despreziosas, que contam crônicas daquela tarde na Redenção.

- II. *Dos Guarda-chuvas*: Não sei o porquê, mas tenho um gosto por guarda-chuvas. A palavra já é interessante. Lembra até um pouco o meu nome (quando criança tinha vários apelidos por causa do meu nome, um deles era Guarda-chuva). E guarda-chuva é algo curioso, pois não guarda chuva coisa nenhuma. Protege da chuva, e tem a intenção de impedir a chuva de nos molhar, portanto nos guarda da chuva. Quando há vento forte alguns guarda-chuvas se entortam para fora e viram verdadeiros guardadores de chuva. Desde que comecei a aquarelar, tenho aquarelado guarda-chuvas, não sei o porquê. Estas coisas de gostar são assim: não tem como explicar.

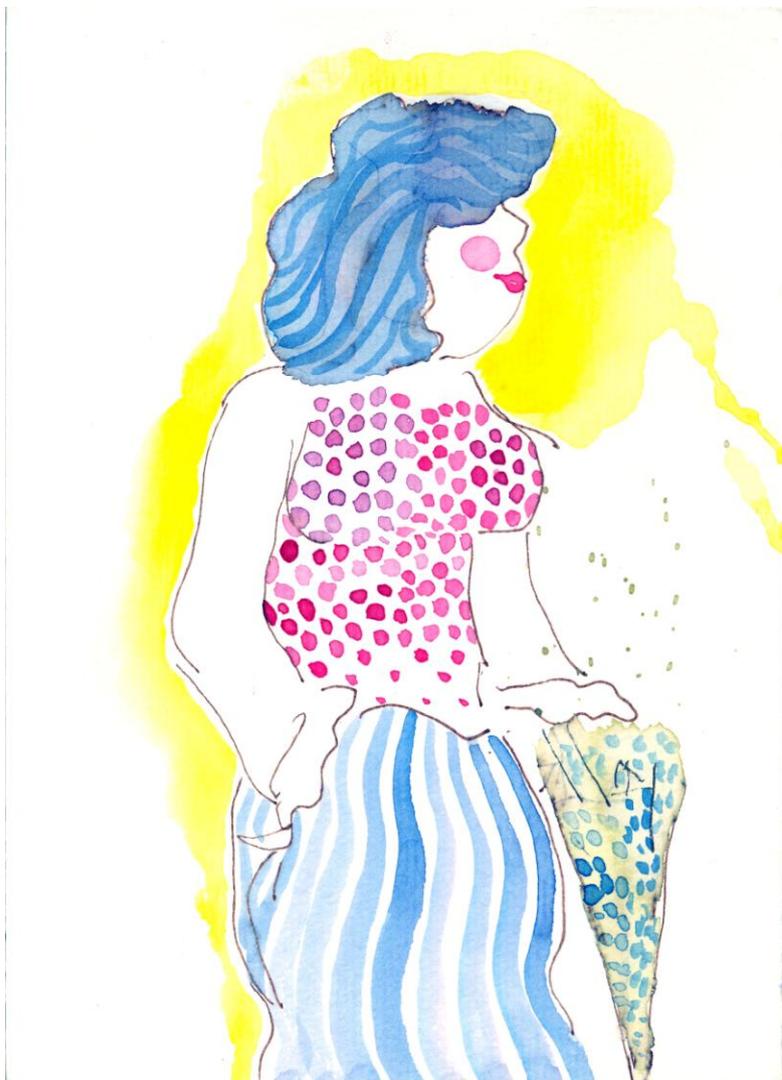
- III. *Le Café Fou*: De repente, sem querer, comecei a gostar de café. O café reúne pessoas e traz um momento de introspecção. Quando trabalhei num Café sobravam longas horas ociosas e comecei a desenhar xícaras de café. Fiz uma série que chamo “*Le Café Fou*” inspirada nestes desenhos que fiz para passar o tempo. Nestas aquarelas as xícaras são como personagens que têm vida própria. As cores são praticamente primárias, as manchas conversam com as xícaras que têm estampas de *petit point*, listras e quadradinhos. O café é colorido.



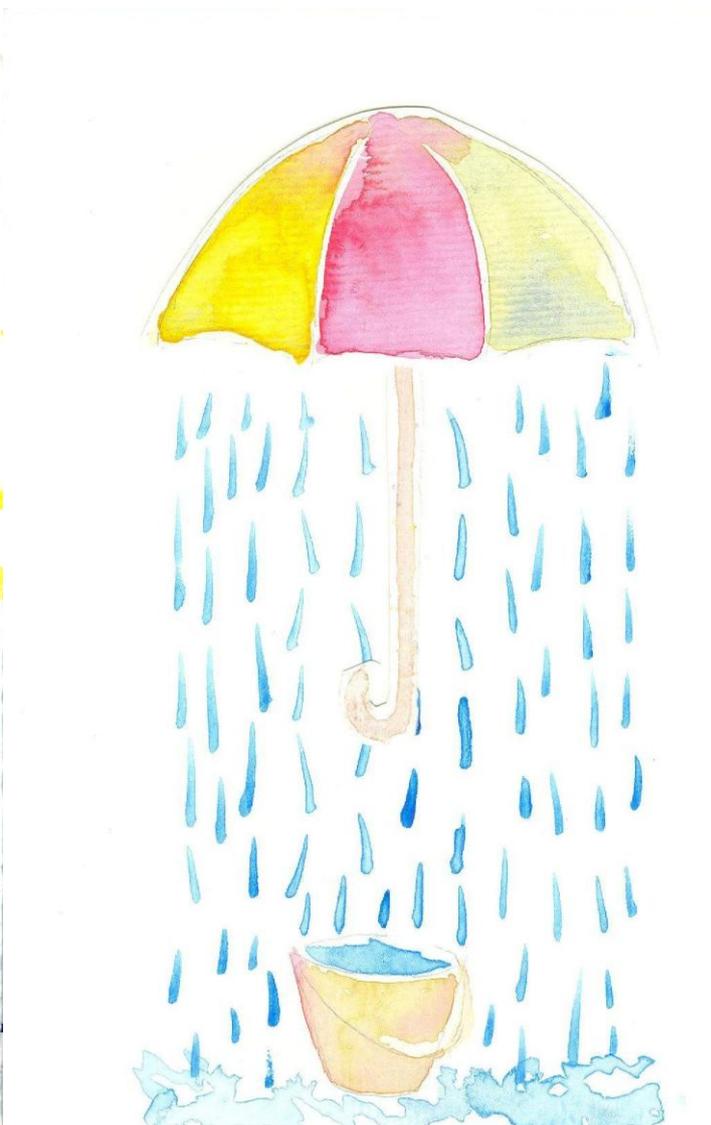
Guadalupe Rausch. Aquarela da série “Crônicas da Redenção”, 210 × 297mm, 2011.



Guadalupe Rausch. Aquarela da série “Crônicas da Redenção”, 210 × 297mm, 2011.



Guadalupe Rausch. Aquarela. Da série "Dos Guarda-chuvas",
148 × 210mm, 2012.



Guadalupe Rausch. Aquarela e colagem. Da série "Dos Guarda-chuvas",
148 × 210mm, 2012.



Guadalupe Rausch. Aquarela da série "Le Café Fou", 148 × 210mm, 2013.



Guadalupe Rausch. Aquarela da série "Le Café Fou", 148 × 210mm, 2013.

A Água



Água é fonte da vida, fonte da aquarela.

Brincamos, nos divertimos com ela.

Água é uma coisa fascinante

E cheia de mistérios.⁴

Água aguada

Ajuda na aquarela

E cai na terra para brotar.⁵

O elemento mais presente na aquarela é a água. É ela que dá a leveza e transparência para a aquarela. Em muitas línguas a palavra aquarela faz referência à ela: watercolour, aquarelle, acuarela, acquerello. Em inglês, a palavra significa cor da água.

Água, difícil de conter e de adivinhar pra onde ela vai. Ela se move, dilui, espalha, invade, transborda, mancha, evapora e deixa rastros. De natureza transparente, líquida, reflete, molha e amolece. Leva e traz. Em forma de chuva é líquida, molha a terra, transborda lagos, evapora, e em forma de nuvem viaja

céus até desembarcar em outras terras distantes.

A água também tem uma natureza flexível e moldável. Ela, quando depositada em um recipiente, adquire a forma do mesmo. A água não tem forma fixa. Muda de acordo com o ambiente que está. Forma sem forma, que se forma e desforma. Na aquarela ela amolece e dilui o pigmento, molha o papel. Levada pelo pincel espalha a cor, respinga, mancha. Flui e deixa sua marca. Sem água não há vida na Terra, assim como sem água não há aquarela.

A água em meu corpo contida,

Que o planeta é mais antiga.

E quando o sol morrer,

Seu último raio de luz ela irá acolher.⁶

4. Poesia de *Gabriel K.*, 10 anos de idade, 2014.

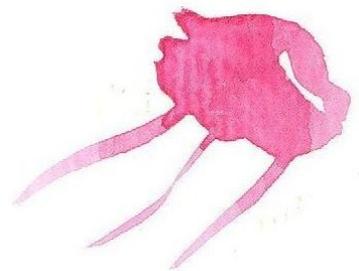
5. Poesia de *Rodrigo*, 10 anos de idade, 2014.

6. Poesia de *Aldo Böger Torres*, 2009. Aldo não é acadêmico nem escritor, atualmente vive uma vida simples na eco-vila Arca Verde, localizada na serra gaúcha.

A Mancha

Miró

por *Manoel de Barros*⁷



Para atingir sua expressão fontana

Miró precisava de esquecer os traços e as doutrinas que aprendera nos livros.

Desejava de atingir a pureza de não saber mais nada.

Fazia um ritual para atingir essa pureza: ia ao fundo do quintal à busca de uma árvore.

E ali, ao pé da árvore, enterrava de vez tudo aquilo que havia aprendido nos livros.

Depois depositava sobre o enterro uma nobre mijada florestal.

Sobre o enterro nasciam borboletas, restos de insetos, cascas de cigarra etc.

A partir dos restos Miró iniciava a sua engenharia de cores.

Muitas vezes chegava a luminuras a partir de um dejetos de mosca deixado na tela.

Sua expressão fontana se iniciava naquela mancha escura.

O escuro o iluminava.

Esta poesia de *Manoel de Barros* afirma que para atingir a expressão *fontana* é preciso atingir a pureza de não saber nada. Ele termina seu poema com um dos elementos mais importantes do *olhar aquarelado*: a mancha. A partir dela, surge a expressão *fontana*. *Fontana* é provavelmente uma das tantas palavras que Manoel inventou. *Fontana* vem de fonte, de essência. A mancha é a essência da descoberta e é fonte de novas idéias.



Guadalupe Rausch. O pato. Fotografia, 2010.

*Leonardo da Vinci*⁸ escreveu no seu Caderno de Notas: “Não deve ser difícil a você parar algumas vezes para olhar as manchas de uma parede, ou as cinzas de uma fogueira, ou as nuvens, a lama e outras coisas do gênero nas quais... vai encontrar idéias verdadeiramente maravilhosas”.

7. DE BARROS, Manoel. *Poesia Completa*. São Paulo: Editora Leya, 2013, p.356.

8. JUNG, Carl G., *O Homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1964, p. 27.

A aquarela me apresentou a mancha. Uma mancha pode lembrar muitas formas e sugerir muitas imagens. Desde que o mundo é mundo o homem viu formas em manchas. Basta olharmos o céu e encontrar rostos, coelhos e castelos em nuvens. Dizem que os bebês vêem e entendem as manchas antes das formas⁹. A mancha é como se fosse a nossa *pré-visão*. Existem mulheres que lêem a borra do café, interpretam manchas de café. Existem psicanalistas que mostram aos seus pacientes um borrão de tinta para eles identifica-

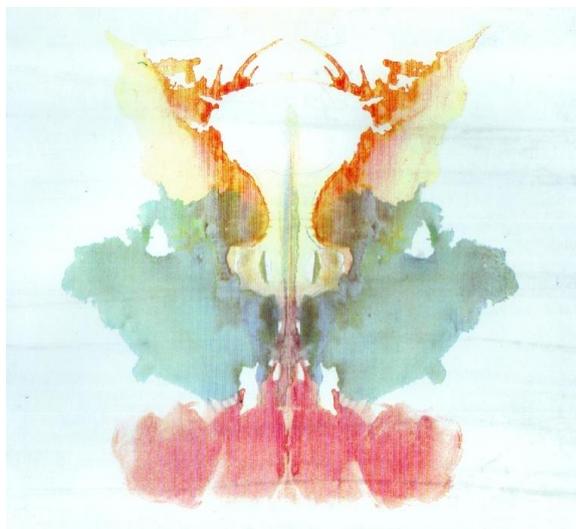


Imagem para teste do “borrão de tinta”.¹⁰

rem formas e fazerem associações.¹⁰ E as crianças sempre fazem isso, de uma sujeira na parede, de uma poça d’água ou de uma mancha que elas mesmas fazem, vêem jacarés, letras, e carros. Uma coisa pode sempre ser outra coisa. A mancha nos lembra isso.

Há um filme documentário chamado “Só dez por cento é mentira”¹¹, sobre o poeta *Manoel de Barros*. Em uma cena muito interessante: a câmera foca uma parede com muitas manchas do tempo, logo uma linha

percorre a mancha identificando formas de borboleta, carro, cachorro.

Disse o escritor *Henry Miller*¹²:

“Existe naquilo que vemos mais coisas do que nossos olhos enxergam?” Naturalmente, a resposta é sim. No mais humilde objeto podemos encontrar qualquer coisa que procuremos, seja beleza, verdade, realidade, divindade.

-
9. Quando os bebês nascem, a visão é meio embaçada, pois a capacidade de focagem está pouco desenvolvida mas ele identifica luz, formas, movimento e linhas de fronteira entre os objetos. As imagens que vêem são mais ou menos manchas pretas e brancas e em tons de cinzento. Mais tarde começam a discriminar as cores, inicialmente o verde e o vermelho. Informações disponíveis no site: <http://www.ofthalmologia-pediatria.eu/pagina,120,145.aspx>. Acesso em 25/09/14.
 10. Foi o psiquiatra suíço *Hermann Rorschach* que criou o método de avaliação psicológica pictórica, mais conhecido como o “teste do borrão de tinta”. O formato da mancha pode servir de estímulo a livres associações. Na verdade, qualquer forma irregular e acidental é capaz de desencadear um processo associativo. Imagem e informações disponíveis no livro: JUNG, Carl G., *O Homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1964, p. 27.
 11. “Só Dez por cento é Mentira” é um filme documentário sobre a biografia inventada do poeta *Manoel de Barros*, com direção e roteiro de *Pedro Cezar*, 2009.
 12. MILLER, Henry. *Introdução a O anjo é minha marca d’Água*. Sexteto.São Paulo:Agora, 1985, p.7-

Esta capacidade que nós temos de ver além do que estamos vendo, além do que nossos olhos enxergam, *Manoel* chama de *transver*, este verbo é outra palavra inventada pelo poeta. Ele diz que é preciso *transver* o mundo¹³:



Marc Chagall, La Promenade. Pintura à óleo,
169.6 x 163.4 cm, 1918.

(...) A expressão reta não sonha.
Não use o traço acostumado.
A força de um artista vem das suas derrotas.
Só a alma atormentada pode trazer para a voz um
formato de pássaro.
Arte não tem pensa:
O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê.
É preciso transver o mundo.
Isto seja:
Deus deu a forma. Os artistas desformam.
É preciso desformar o mundo:
Tirar da natureza as naturalidades.
Fazer cavalo verde, por exemplo.
Fazer noiva camponesa voar – como em Chagall.(...)

O olho vê, a lembrança revê e é a imaginação que *transvê*, que transfigura o mundo, que faz outro mundo. *Manoel* disse que a transfiguração é a coisa mais importante para o poeta, para o artista.

A mancha, além de nos provar que existem naquilo que vemos mais coisas do que nossos olhos enxergam, também representa algo inusitado. Representa o acaso, aquilo que sai diferente, o inesperado, o imprevisível, o novo, algo que acontece de repente. Precisamos curar nossa relação com a mancha. Normalmente, temos medo dela, medo das coisas imprevisíveis. Dizemos “*Cuidado que mancha!*” e nos lamentamos “*Iiih manchou!!!*” Quando mancha pensamos que deu errado, que sujou, que estragou e que não há nada a fazer. Pra mim a mancha é uma surpresa repleta de possibilidades. A mancha nos imobiliza e faz tomar direções diferentes.

Da mancha feita ao acaso pode surgir uma forma nova que nunca havíamos pensado antes. Normalmente quando algo sai diferente do nosso planejamento dizemos que deu errado. Mas não é que deu errado, apenas surgiu a mancha, algo diferente que pode direcionar para outro caminho. A vida seria tão previsível, óbvia e sem graça se as

13 DE BARROS, Manuel. *Poesia Completa*. São Paulo: Editora Leya, 2013, p. 323.

coisas sempre saíssem como planejamos. É preciso estar atento para aproveitar a mancha que faz com que um dia seja diferente do outro.

Quando começamos a aquarelar também fazemos planos, seguimos linhas que traçamos e temos ambições, mas às vezes a água não respeita nossas idéias e deixa fluir. Para aquarelar é preciso entender a água. É possível direcioná-la, barrá-la e secá-la. Mas ela sempre faz um convite para fluir.



Ao iniciar uma aquarela você pode seguir as idéias iniciais e entender como a água se manifesta e como usá-la para realizar a aquarela que deseja. É preciso tempo sem pressa. Na aquarela temos várias formas de trabalhar. Uma delas é a técnica da veladura, onde deixamos as pinceladas secarem para depois seguir com outras pinceladas. Há uma espera. E depois da água seca o efeito fica diferente de quando estava molhada. Neste caminho até chegar ao efeito desejado, algumas surpresas podem surgir e mudar a direção. Podemos seguir na mesma direção, mas também podemos apropriar aquilo que surgiu que não estava planejado.



A técnica que mais se harmoniza com o *olhar aquarelado* é a aquarela úmida, que utiliza papel molhado, tinta aguada e muita água, transbordando manchas e resultados inusitados. Na seção “Aquarela”, logo explicarei mais sobre esta técnica.



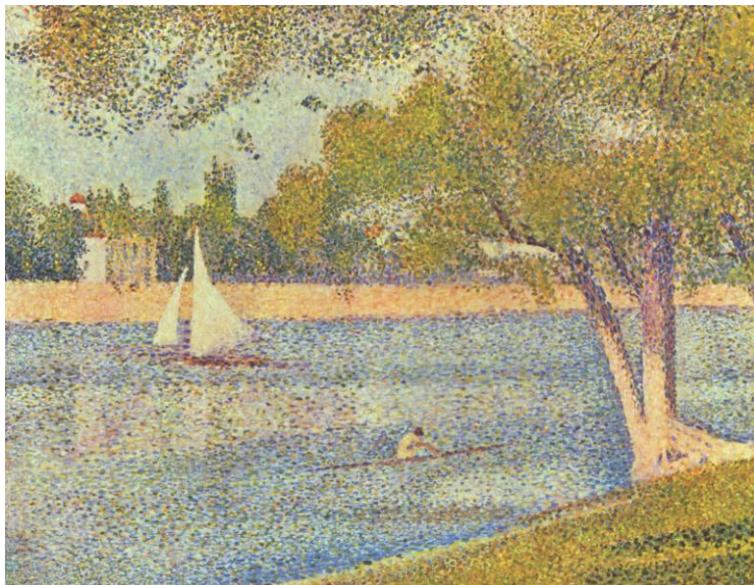
Imagens de *tatuagens aquareladas*¹⁴

Uma mancha nunca é igual à outra, nunca se repete. Uma forma irregular e acidental é única. Uma nuvem nunca é a mesma. Uma mancha de molho de tomate na toalha de mesa nunca poderá se repetir. Tatuadores que descobriram isto criaram a *Tatuagem Aquarelada* ou *watercolor tattoo*. Tatuagens em forma de manchas, respingos e degradês. Uma *tatuagem aquarelada* é difícil de copiar pelo fato de que cada mancha é única. É difícil de copiar uma mancha. Isto cria uma sensação de autenticidade para a pessoa tatuada: só ela terá uma tatuagem como aquela.

14 Não há informações sobre as imagens. Disponíveis no site: <http://www.tumblr.com/tagged/watercolor-tattoo>. Acesso em 28/09/2014.



Georges Seurat. O Sena em La Grande Jatte na Primavera.
Pintura à óleo. 1888. (detalhe)



Georges Seurat. O Sena em La Grande Jatte na Primavera.
Pintura à óleo. 1888.

Conversas com a Mancha

Há muitos artistas, que mesmo sem fazer aquarela, conversaram com a mancha. Cada um da sua maneira. Trago aqui alguns exemplos deles:

Georges Seurat (1859-1891) com a técnica de pontilhismo dialogou com a mancha. Descobriu que centenas de pequenas manchinhas coloridas e pintadas bem pertinho uma da outra formavam uma grande imagem. De perto são apenas manchinhas coloridas, de longe, uma paisagem. Ele descobriu isso, mesmo antes de existirem aquelas televisões antigas com tela colorida, que quando olhávamos bem de perto a imagem era formada por vários pontinhos coloridos¹⁵.

15 O princípio da mistura ótica, decisivo para o neo-impressionismo, está claramente exposto por Rood, um dos teóricos cuja obra foi objeto de estudo de Seurat. O físico explica dois modos opostos e governados por diferentes leis para se obter uma determinada cor: o princípio aditivo baseado na mistura de luz e o princípio subtrativo de mistura de pigmentos. (...) Assim as cores percebidas não se encontram “realmente” pintadas, os pontos justapostos contêm as cores componentes da cor final, obtida quando o quadro é olhado a uma determinada distância.

DUARTE, Paulo Sergio. *O que Seurat será?* NOVAES, Adauto (organização). *O Olhar*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 9ª impressão, 2002, p. 252 e 253.



Joseph Turner. Venice at Sunrise from the Hotel Europa, with the Campanile of San Marco. Aquarela em papel, 198 x 280 mm , 1840



Jacson Pollock em seu atelier. Fotografia de David Lefranc, 1930.



Jackson Pollock. Convergence. Pintura à óleo, 1952.

Joseph Turner (1775 – 1851), em muitas de suas aquarelas e pinturas a paisagem retratada se diluía, se manchava entre o céu e a água, seguindo em direção a um abstracionismo. A mancha de Turner é apagada, suave.

Jackson Pollock (1912-1956) amava manchar, respingar manchas de tinta na tela posta no chão. Seu prazer vinha do gesto de jogar tinta, sua obra era esta experiência. Nesta *Action Painting*¹⁶ essas manchas juntas formavam uma grande confusão, uma festa de manchas, de acaso e de surpresas imprevistas.

16. “O pintor não tem mais como instrumentos o pincel e o cavalete (...) A mão se liberta e utiliza paus, esponjas, panos e seringas: *Action Painting*, “dança frenética” do pintor ao redor do quadro, ou melhor, no quadro, que não está estendido no cavalete, mas pregado, não estendido, no chão.”

DELEUZE, Gilles. *Francis Bacon- Lógica da Sensação*. Rio de Janeiro: Zahar. 2007. P. 102 e 103.



Francis Bacon. Trois études pour autoportrait. 1976.



Georgia O'Keefe. Nude Series XII. Aquarela, 305 x 457 mm, 1917.

Francis Bacon (1909-1992) lançava tinta sobre a figura do rosto pintada na tela. Este acaso intencional ele chamava de *catástrofe*¹⁷. Ele esperava o inusitado que obrigava sua pintura a se transfigurar, se transformar de uma imagem realista a uma imagem mais abstrata. Neste caso ele produzia a mancha para redirecionar a sua pintura.

Georgia O'Keefe (1887-1986) pintou muitas aquarelas com figuras de mulheres. Em muitas delas é a mancha que sugere a imagem. Nesta aquarela Georgia pintou uma mulher? Ou é uma mancha? Olhamos para a mulher e vemos a mancha, e vice-versa.

17. “Em que consiste este ato de pintar? Bacon o define assim: fazer marcas ao acaso (traços-linhas); limpar, varrer ou esfregar regiões ou zonas (manchas-cor); jogar a tinta, de diversos ângulos e em velocidades variadas(...). A catástrofe é como o nascimento de outro mundo. Pois estas marcas, esses traços, são irracionais, involuntários, acidentais, livres, ao acaso.(...)São traços de sensações (...). E são sobretudo traços manuais. É nesse momento que o pintor opera com um pano, vassoura, escova ou esponja; é quando joga a tinta com a mão.”

DELEUZE, Gilles. *Francis Bacon- Lógica da Sensação*. Rio de Janeiro: Zahar. 2007. P. 108



Claude Monet.. Water-Lilies Evening Effect.

Pintura à óleo, 1680x1050cm, 1897-1899



Claude Monet. Water-Lilies Evening Effect.

Pintura à óleo, 1680x1050cm, 1897-1899. (detalhe)

Claude Monet (1840-1925) e muitos dos artistas que difundiram o impressionismo descobriram que não precisavam pintar de uma forma fidedigna à realidade, já que a fotografia já havia sido inventada. Podiam apenas “dar a impressão” do que haviam pintado¹⁸. Quando olhamos de perto uma pintura de Monet vemos apenas manchas, borrões de tinta, logo que nos distanciamos dela, vemos, por exemplo, as ninféas do seu jardim. Dizem que a melhor fase da pintura de Monet aconteceu no final da sua vida, na medida em que foi perdendo a visão. Quando menos enxergava, mais via a essência da sua pintura.

Esses artistas que olharam para as manchas e criaram diálogos

com ela encontraram tipos de manchas diferentes: o conjunto de manchinhas que formam uma imagem; a imagem que se mancha; a mancha como ação, como gesto; a mancha que transforma a imagem; a mancha que dá a impressão de ser outra coisa; e a mancha que sugere a imagem. Na aquarela podemos encontrar todas estas manchas e também outras a serem descobertas ao longo das nossas aventuras aquareladas.

18. Antes de mais nada é preciso pintar a partir da natureza, ao ar livre (...). Mas é indispensável preservar as impressões do instante surpreendido pelo olhar, utilizando-se pinceladas curtas, pequenas “vírgulas”, manchas descontínuas e multicolores. O traço de contorno, que torna a forma precisa e sugere volume, é abolido; o contraste violento entre claro-escuro é evitado, as sombras apresentando-se nuançadas, coloridas por reflexos.

MOTTA PESSANHA, José. *Bachelard e Monet: o olho e a mão*. NOVAES, Adauto (organização). *O Olhar*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 9ª impressão, 2002, p.160.

O Olhar Aquarelado

O *olhar aquarelado* é o olhar atento para o acaso, aberto para o imprevisível. Que acolhe a mancha, aquilo que sai diferente. Que deixa fluir, deixa acontecer o que está para acontecer. Mas, ao mesmo tempo, que há a aceitação das coisas como elas são, há uma energia que vê possibilidades, direciona o caminho e cria. Este é o olhar aquarelado que deixa fluir. Que mesmo secando pode ser molhado novamente e criar novas formas.

Na didática aquarelada é preciso estar atento no momento em que surgem as manchas para poder aproveitá-las no criar espontâneo, que faz com que um dia seja diferente do outro. Nesta didática há um *planejamento por fluxo*¹⁹. Ou seja, um plano que tem espaço para acolher o imprevisível, que deixa fluir, deixa surgir novas possibilidades de caminho e assim se transformar.

Para compreender o *olhar aquarelado*, teremos que tomar conhecimento do *olhar amolecedor*. Julio Cortázar²⁰ no escrito *Para uma antropologia de bolso – Vê mole tudo o que vê*, apresentou o grande amolecedor:

Conheço um grande amolecedor, um sujeito que vê mole tudo o que vê, amolece as coisas só de vê-las, nem sequer de olhá-las porque ele vê mais do que olha, e então fica por aí vendo coisas e todas são tremendamente moles e ele está contente porque não gosta nada de coisas duras. Houve um tempo em que talvez visse duro, quem sabe porque ainda era capaz de olhar, e quem olha vê duas vezes, vê o que está vendo e também é o que está vendo ou ao menos poderia ser ou gostaria de ser ou gostaria de não ser, todas elas maneiras extremamente filosóficas e existenciais de situar-se e de situar o mundo. Mas um dia esse sujeito, por volta dos vinte anos, começou a não olhar mais, porque na realidade tinha uma pele delicadinha e das últimas vezes em que quis olhar o mundo de frente a visão lhe fendeu a pele em dois ou três lugares e naturalmente meu amigo disse tchê, assim não dá, então certa manhã começou a só ver, cuidadosamente a nada mais que ver, e claro que desde então passou a ver mole tudo o que via, a amolecer as coisas só de vê-las, e estava contente porque não gostava de jeito nenhum das coisas duras.(...)

19. *Planejamento por fluxo* é um conceito que eu ouvi pela primeira vez em 2009, pelo mestre budista *Lama Padma Samten* ao dar instruções aos professores de uma escola. Ele é físico, com mestrado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde lecionou física de 1969 a 1994, antes de ser ordenado mestre budista.

20. CORTÁZAR, Julio. *Para uma antropologia de bolso: vê mole tudo o que vê*. In: _____ *A volta ao dia em 80 mundos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p.62-63.

Janelar

Disse *Leonardo da Vinci*:

Não vês que o olho abraça a beleza do mundo inteiro?(...) É a janela do corpo humano, por onde a alma especula e frui a beleza do mundo (...).Ó admirável necessidade! Quem acreditaria que um espaço tão reduzido seria capaz de absorver as imagens do universo? (...) O espírito do pintor deve fazer-se semelhante a um espelho que adota a cor do que olha e se enche de tantas imagens quantas coisas tiver diante de si.²¹

Outro conhecimento importante para a compreensão do *olhar aquarelado* é o verbo *janelar*. Pouco conhecemos e usamos este verbo, embora esteja no dicionário da língua portuguesa. Para entendermos o *olhar aquarelado* teremos que entender o que é *janelar*. Numa disciplina das aulas da licenciatura, oferecida pelo professor *Luciano Bedin*, em 2013, fomos desafiados a escrever um verbete²² sobre alguma palavra.

Queria falar de janelas. E então cheguei à palavra *janelar*. E apesar de nunca ter ouvido este verbo antes, eu não estava inventando um novo verbo. Estava apenas resgatando um verbo que há muito tempo temos esquecido. Hoje em dia é raro *janelar*.

Dizem que “os olhos são as janelas da alma”. Disse *Marilena Chaui*:

(...) a visão se faz em nós pelo fora e, simultaneamente, se faz de nós para fora, olhar é, ao mesmo tempo, sair de si e trazer o mundo para dentro de si. (...) a visão depende de nós e se origina em nossos olhos, expondo nosso interior ao exterior, falamos em janelas da alma.(...) as janelas da alma são também espelhos do mundo. (...)²¹

Ora se os olhos são janelas, olhar é *janelar*. Eis na próxima página o texto *Janelar* que norteia as proposições II e IV que estão na seção *Proposições Aquareladas*.

21. CHAUI, Marilena. *Janela da Alma, Espelho do Mundo*. NOVAES, Adauto (organização). *O Olhar*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 9ª impressão, 2002, p.31 e 33.

22. O texto *Janelar* surgiu na disciplina Psicologia da Educação: a Educação e suas Instituições. E culminou na publicação do mesmo no site Dicionário Raciocinado das Licenciaturas: www.ufrgs.br/dicionariodaslicenciaturas.

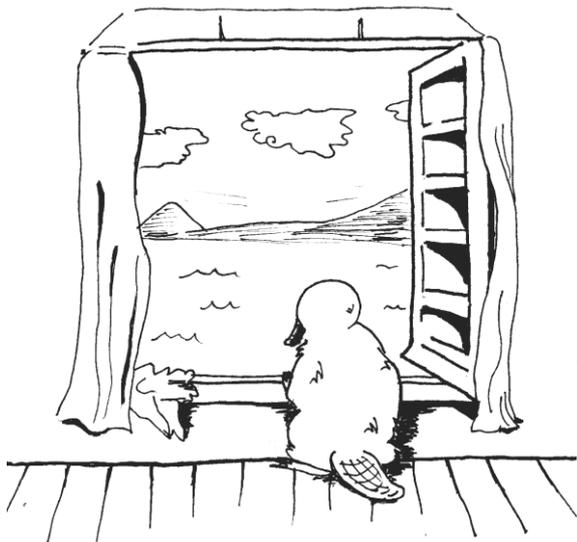


Ilustração de *Tiele Bertol*, para o texto “Janelar” do tomo IV do “Dicionário Raciocinado das Licenciaturas”, em setembro de 2014

Janelar

No dicionário comum, ‘janelar’ é estar à janela habitualmente. Mas é possível estar à janela e não janelar. Assim como é possível janelar sem estar diante a uma janela. E para janelar nem mesmo é preciso haver janela, é preciso haver olhar.

Já ouviu alguém falar “Eu estava janelando e então percebi alguma coisa diferente...”? É muito raro ouvir este verbo. Se você é um desses que já ouviu, sinte-se privilegiado de conhecer alguém que janelar. Nestes tempos atuais é raro alguém que janelar de verdade.

Na escola nos ensinaram a conjugar este verbo? “Eu janelo. Tu janelas. Ele janelar. Nós janelamos...” Provavelmente não, pois na escola

geralmente não nos ensinam a janelar e normalmente as janelas das escolas são altas demais e pequenas demais para janelar. É comum quando os alunos estão olhando para fora, a professora dizer que a turma está distraída. Isso é um grande engano, pois eles não estão distraídos, eles estão muito atentos em olhar o mundo lá fora e o mundo lá fora é muito mais interessante que o mundo dentro da sala de aula.

Já janelou hoje? Alguns janelam, outros são janelados. Porteiros janelam. Detetives devem janelar. Motoristas janelam. Alguém que espera uma visita janelar. Fofoqueiras janelam. Alunos desinteressados na aula janelam. Astronautas janelam estrelas. E viajantes janelam na expedição.

Quando estamos em viagem somos janeleros muito dedicados. Queremos observar tudo atentamente. E tudo é novo e diferente para nosso olhar. Quando voltamos ao nosso cotidiano há um desjanelamento, e nosso olhar janelístico é perdido. Voltamos a ter o olhar comum sobre nosso mundo e tudo volta a ser conhecido e previsível.

Janelar é muito simples: Sentar próximo a janela, olhar para ela e através dela. Muito importante é abrir as cortinas e vidros da janela (geralmente eles atrapalham o momento de janelar, e muitas vezes impedem que a gente janelar). Olhar através da visão, mas também abrir os olhos olfativos, táteis, auditivos e porque não, gustativos? Olhar de um jeito novo. De um jeito presente. Observar pela janela algo que nunca tinha visto antes, algo inusitado. Pode ser uma nuvem em formato de baleia, uma luz de tom rosado que toca um prédio, um pedacinho de rio, uma árvore que balança diferente. Na janela tem muita coisa acontecendo. Coisas despercebidas e silenciosas, esperando serem janeladas e pescadas com o nosso olhar.

Então, vamos janelar? Você pode janelar em qualquer lugar, no seu apartamento, no ônibus, no trem, na sala de espera de um consultório, na casa de um amigo, com a namorada, na janelinha do avião, num restaurante, na casa da sua vó e até nas aulas da Faced. E lembre-se que para janelar não é preciso janela, é preciso olhar.



Giordana Dal Castel, 20 anos.

Proposição IV, Janelando na Escola.

Aquarela, 148 × 210mm, 2014

Se para *janelar* não é nem mesmo preciso janelas, então para olhar nem é preciso olhos. É possível olhar o mundo através dos outros sentidos, além da visão.

Há um fotógrafo cego chamado *Evgen Bavcar* (1946)²³ que diz que fotografa as coisas invisíveis, como sons, cheiros, e sensações táteis. Ele *vê* o mundo além da visão. E se impressiona pelo fato de ser alguém que não enxerga, mas que pode produzir imagens que outras pessoas podem ver. Nesta imagem abaixo Evgen disse que fotografou o invisível. Pediu para que sua sobrinha corresse num campo e balançasse um sininho para ele poder saber onde ela estava. Ele fotografou o som, mas isso não podemos ver na imagem. Assim, *Evgen* é um fotógrafo do invisível.



Evgen Bavcar, Anjo.²³

23. Há um filme documentário *Janela da alma* (2001), de *João Jardim* e *Walter Carvalho* que discute a questão do olhar e da cegueira. No filme há uma entrevista com o fotógrafo filósofo *Evgen Bavcar*. A imagem e estas informações sobre ele estão disponíveis no documentário.

Que olhar é esse?

As poesias de *Alberto Caeiro*²⁴ falam de uma experiência de olhar que tem uma relação íntima com o conceito de olhar que quero tratar. *Caeiro* é um dos heterônimos de *Fernando Pessoa*. Considerado seu “mestre”, é “o guardador de rebanhos”, um homem que experienciava o mundo a partir de suas sensações:

II

O meu olhar é nítido como um girassol
Tenho o costume de andar pelas estradas
Olhando para a direita e para esquerda,
E de vez em quando olhando para trás...
E o que vejo a cada momento
É aquilo que nunca antes eu tinha visto,
E eu sei dar por isso muito bem...

Creio no mundo como num malmequer,
Porque o vejo. Mas não penso nele
Porque pensar é não compreender...
O mundo não se fez para pensarmos nele
(Pensar é estar doente dos olhos)
Mas para olharmos para ele e estarmos de acordo.
Eu não tenho filosofia: tenho sentidos...
Se falo na Natureza não é porque saiba o que ela é,
Mas porque a amo, e amo-a por isso,
Porque quem ama nunca sabe o que ama
Nem sabe porque ama, nem o que é amar...
Amar é a eterna inocência,
E a única inocência é não pensar...

V

(...) Quem está ao sol e fecha os olhos,
Começa a não saber o que é o sol
E a pensar muitas cousas cheias de calor.
Mas abre os olhos e vê o sol,
E já não pode pensar em nada,
Porque a luz do sol vale mais que os pensamentos
De todos os filósofos e de todos os poetas.
A luz do sol não sabe o que faz
E por isso não erra e é comum e boa.(...)

24. PESSOA, Fernando. Poesia Completa de Alberto Caeiro. São Paulo: Editora Companhia de Bolso, 2005, p.19 e p. 23.



Antoine de Saint-Exupéry. Os Baobás. Aquarela, Ilustração do livro do autor, O pequeno Príncipe.

“Só se vê bem com o coração, o essencial é invisível aos olhos”, escreveu *Saint-Exupéry*²⁵. Não é com razão que se vê de verdade. Não é com pensamentos, mas com sentidos, com sensações. O essencial é invisível aos olhos comuns cheios de pressupostos e pensamentos sobre o que se vê. Como escreveu *Caeiro* “(...) O mundo não se fez para pensarmos nele (Pensar é estar doente dos olhos) (...)”, o mundo se fez para ser sentido, experienciado. E como também escreveu *Manoel*²⁶: “As coisas não querem mais ser vistas por pessoas razoáveis: Elas desejam ser olhadas de azul(...)”.

Quando falo de um olhar *janelístico* ou um *olhar aquarelado*, não falo de qualquer olhar, de um olhar que só olha por olhar, que olha mas não vê, que vê de qualquer jeito. Que vê sem olhar de verdade. Que olha como quem olha a hora no relógio, mas não vê as horas. Estamos falando de um olhar presente. De um olhar atento. De uma experiência de olhar. Um olhar que ativa a visão, que envolve o corpo, e uma consciência de visão e de corpo. Um corpo com os sentidos abertos. Normalmente fazemos muitas coisas ao mesmo tempo, e muitas vezes sem estar presentes na experiência. Olhamos muitas coisas e queremos ver tudo em um mínimo espaço de tempo. Quando terminamos de ver, percebemos que não vimos nada. Que não tivemos uma experiência verdadeira de olhar. Para haver uma verdadeira experiência de olhar é preciso abertura e tempo. Pouco experienciamos quando estamos com pressa. Para ter uma experiência de olhar é preciso dar tempo à experiência.

25. SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. *Le Petit Prince*. Paris: Folio, 2009.

26. DE BARROS, Manuel. *Poesia Completa*. São Paulo: Editora Leya, 2013, p. 278.

Experiência

*Jorge Larrosa*²⁷, em uma conferência sobre educação afirmou que: “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça.” Ele também afirma que a informação e a opinião impedem de vivermos a experiência, que é cada vez mais rara por falta de tempo. Tudo passa rapidamente e nada nos acontece, pois normalmente estamos cheios de informação, prontos para opinar.

O sujeito da experiência se define por sua abertura, atenção, receptividade e disponibilidade. *Larrosa*²⁷ esclareceu:

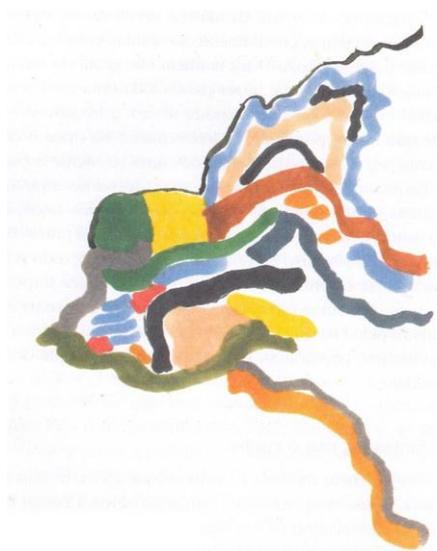
Se escutamos em espanhol, nessa língua em que a experiência é “o que nos passa”, o sujeito da experiência seria algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos. Se escutamos em francês, em que a experiência é “ce que nous arrive”, o sujeito da experiência é um ponto de chegada, um lugar a que chegam as coisas, como um lugar que recebe o que chega e que, ao receber, lhe dá lugar. E em português, em italiano e em inglês, em que a experiência soa como “aquilo que nos acontece, nos sucede, ou “happen to us”, o sujeito da experiência é sobretudo um espaço onde têm lugar os acontecimentos.

Assim, experienciar é deixar-nos marcar, bordar, borrar, manchar em nós próprios o que nos acontece, podendo assim ser transformados por tais experiências de um dia para o outro, no percurso do tempo.

Para acontecer a experiência é preciso haver abertura. No *olhar aquarelado*, experiência é tudo aquilo que nos mancha, que nos marca, que dilui nossas certezas, nos molha, nos amolece. É o que nos faz ver o mundo com outros óculos. É o que nos afeta, que nos faz vermos nossas fragilidades. Em qualquer processo de aprendizado que não nos acontece a experiência, nada fica, nada marca. Aprender de verdade exige esta mancha que nos muda. É preciso humildade e coragem.

27. LARROSA, Jorge. *Notas sobre a experiência e o saber da experiência*. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, jan/fev/mar/abr. 2002, n.19, p. 21 e p. 24.

Aquarelar Ama(do)r



Roland Barthes, Aquarela em papel.²⁸

A palavra patético vem do grego *pathos* que significa paixão. Normalmente utilizamos esta palavra com um sentido pejorativo, talvez porque temos vergonha de estarmos apaixonados e isso é patético. Quando estamos apaixonados vivemos plenamente, sonhamos, há uma energia de vida que permeia nosso corpo que pulsa, que impulsiona. Sentimos um calor, rimos sem ter um motivo especial, ficamos sensíveis, românticos, vemos a beleza nas pequenas coisas de todo dia, nos emocionamos, choramos, acreditamos na bondade. Ser patético é algo maravilhoso. Deveríamos ser mais patéticos na nossa vida.

A palavra *amador*, assim como *patético*, também é usada com um sentido pejorativo. Dizemos que um trabalho *amador* é um trabalho mal feito, sem técnica, sem qualidade. É preciso resignificar estas palavras que carecem de um olhar apreciativo.

O *Amador* é aquele que faz algo não por profissionalismo, negócio ou sobrevivência. Faz algo porque gosta, porque ama, porque tem paixão. O *amador* ama seu fazer *amadorístico*. Não tem muitas preocupações, apenas inventa, experimenta, não sabe direito onde vai chegar e ama porque ama. O *amador* é *patético*.



Roland Barthes, Aquarela em papel.²⁸

Roland Barthes²⁸ disse que: “O *Amador* (aquele que pratica a pintura, a música, o esporte, a ciência, sem espírito de maestria ou de competição), o *Amador* reconduz seu gozo (*amator*: que ama e continua amando); não é de modo algum um herói (da criação, do desempenho); ele se instala graciosamente (por nada) no significante: na matéria imediatamente definitiva da música, da pintura;(...)”

28. Imagens e citação retiradas do livro: BARTHES, Roland. *Roland Barthes por Roland Barthes*. São Paulo: Estação Liberdade, 2003, p, 65, 102 e 130.

*Henry Miller*²⁹ escreveu:

(...) a gente não canta porque espera apresentar-se um dia em uma ópera; canta porque os pulmões estão cheios de alegria. É maravilhoso ouvir uma grande interpretação, mas ainda é mais maravilhoso encontrar na rua um vagabundo feliz que não pode deixar de cantar como não pode deixar de respirar. Ele não espera também recompensa alguma por seus esforços. Esforços! A palavra não tem sentido para ele. Ninguém pode ser pago para irradiar alegria (...).

Nesta brincadeira aquarelada me considero amadora. Amo a cor da água que carregada pelo pincel desliza sobre o papel. Nunca sei ao certo onde vou chegar. Vou tateando no escuro. Não tenho grandes ambições. Meu prazer não vem de um resultado bom ou ruim, vem da própria experiência de fazer.

*Henry Miller*³⁰, em seu escrito as ‘Águas Reabrilhantadas’ fala da aquarela, uma das suas paixões além de escrever:

Para alguém como eu, que não é obrigado a pintar aquarelas para viver, como é maravilhoso aquele sentimento, que acontece às vezes, quando, chegando à casa por volta da meia-noite, com o lugar extremamente silencioso, a luz dando exatamente o clarão certo sobre minha mesa de trabalho, meus sentidos agudamente vivos, mas não tão aguçados a ponto de impulsionar-me a escrever mais (...), eu me sento diante do pequeno bloco de papel, decidido a fazer só mais uma aquarela em paz e harmonia. Pintar dessa maneira é como comunicar-se consigo mesmo – e com todo o mundo também. As cores falam-me. Eu as agrado, eu imploro a elas. E, com a disposição certa, farei esforços infinitos, por alguma razão desconhecida, para misturar um pequeno borrão de tinta que encherá um oitavo de polegada no papel.

Ele²⁹ se define: “No reino da aquarela (...) sou simplesmente o cego instrumento ao acaso. Trabalho com o “Princípio de Menos Ação”. Aquilo que não sei vale mais do que aquilo que sei. Eu não deveria realmente assinar meu nome nessas coisas – sou criatura anônima, um neófito, uma pessoa que balbucia e gagueja na forma e na cor.” Identifico-me com ele.

A coisa notável a observar, em trabalho infantil é que a criança dá impressão de ter feito aquilo com todo o seu ser. Ela se entrega completamente ao que está fazendo. Ao passo que mesmo o maior artista precisa travar uma luta constante contra a distração. Ele tem consciência não apenas das futuras opiniões dos críticos, do preço que alcançará (ou não alcançará!), do valor de suas bisnagas, da precisão de sua escolha de cor ou linha, mas também da temperatura do aposento, das manchas do chão, do banho que esqueceu de tomar e assim por diante.

29. MILLER, Henry. *Introdução a O anjo é minha marca d'Água*. Sexteto. São Paulo: Agora, 1985, p.7-20.

30. MILLER, Henry. *Às águas abrilhantadas*. Sexteto. São Paulo: Agora, 1985, p.71-96.

O amador pode ser comparado com a criança. A criança ao brincar, desenhar ou aquarelar, entrega-se na experiência com presença e sentidos abertos para a descoberta. Tem prazer pelo gesto que faz e é livre de preocupações e ambições. O amador goza de liberdade no seu fazer amadorístico.

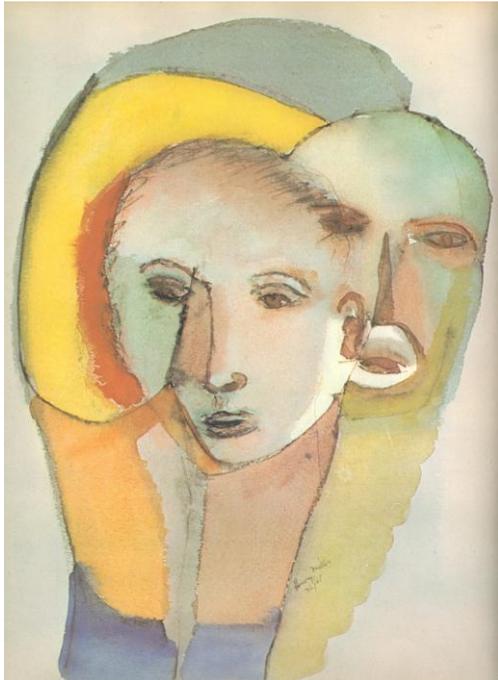
Escrevi a seção *Aquarelar Ama(do)r*, pois ela justifica o trabalho de aquarela com pessoas que não são artistas ou aquarelistas. Justifica a aquarela para jovens, crianças e adultos que não são aquarelistas, mas que podem vir a ser amadores da aquarela, numa atmosfera de experimentação.

O cavalo que queria ser mancha,
uma experiência aquarelada

Para *Henry Miller*³¹ uma de suas paixões além de escrever é aquarelar: "Para mim, adquirir a mais ligeira técnica é sempre um processo longo, mas alegre. Minhas aquarelas são sempre viagens de aventura e, bem-sucedidas ou mal-sucedidas, dão-me real satisfação. Posso nadar em sua presença tão agradecidamente, como se fossem *Picassos* ou *Rembrandts*. Nunca fico totalmente decepcionado com elas, por pior que seja a tentativa. (...)"

Em seu escrito 'O Anjo é Minha Marca d'Água!' ele relata uma aventura aquarelada. Inicia uma aquarela com a pretensão de pintar um cavalo. No caminho desta aventura, logo no começo, ao iniciar o desenho, encontra dificuldades de chegar a uma representação satisfatória de um cavalo. A cada traço, cada gesto, cada pincelada seu cavalo toma forma ou desforma. Encontra a mancha, o imprevisível, o inesperado, que o faz tomar direções diferentes para sua aquarela. Nesta experiência aquarelada conversa com a cor, com a água, com a mancha, com o papel. E seu cavalo se transforma em outra coisa, surpreendendo este amador da aquarela. Trago aqui alguns trechos desta aventura.

31. MILLER, Henry. *Primavera Negra*. São Paulo: Editora Ibrasa, 2ª Edição, 1968., p.55 a 71

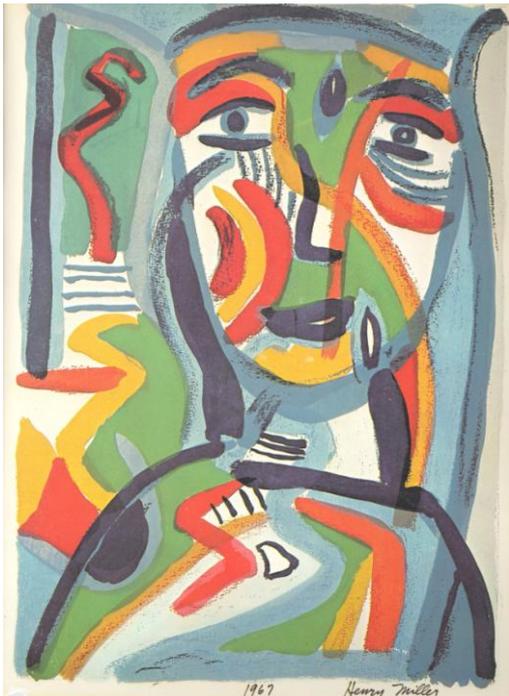


Henry Miller, Aquarela. Imagem encontrada no Livro MILLER, Henry. *Henry Miller, Ma vie et moi*. Paris: Stock, 1972, p. 114.

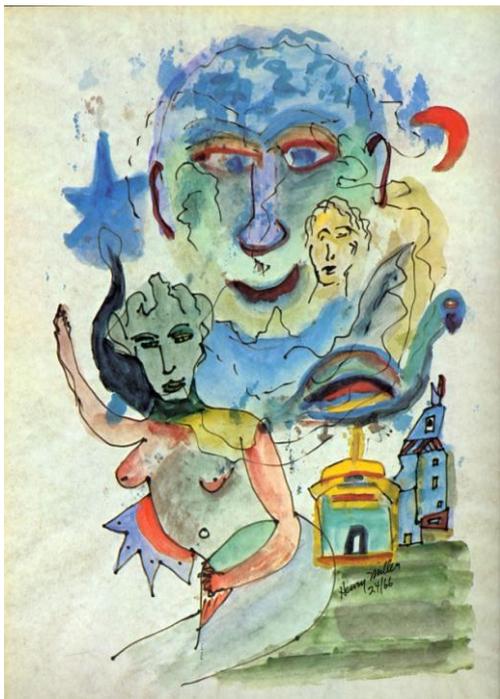


Henry Miller, Aquarela. Imagem encontrada no Livro MILLER, Henry. *Henry Miller, Ma vie et moi*. Paris: Stock, 1972, p. 120.

(...) De vez em quando, muito irregularmente, pinto uma aquarela. Acontece dessas coisas com a gente: a gente sente vontade de pintar uma aquarela e pinta. (...) Bem, vamos começar! O negócio é esse. Começar com um cavalo (...) Começo a desenhar. Começo naturalmente pela parte mais fácil do animal: o cu do cavalo. Uma pequena abertura para a cauda que ali poderá ser enfiada depois. Mal comecei a fazer o tronco quando noto imediatamente que está alongado demais. (...) Quem nunca examinou atentamente o crânio de um cavalo não pode imaginar como é difícil desenhá-lo. (...) Colocar os olhos sem fazer o cavalo rir. Conservar a expressão cavalares e não deixar que se torne humana. Neste ponto, admito francamente, estou absolutamente descontente com meu trabalho. Tenho vontade de apagar e começar tudo de novo. (...) Fecho os olhos e tento muito calmamente com os olhos da mente retratar um cavalo. Passo as mãos sobre a crina, as costas e a ilharga. Pareço lembrar-me muito distintamente de como se sente um cavalo, especialmente aquela maneira de sacudir-se quando uma mosca o aborrece. (...) Por isso começo tudo de novo – pela crina desta vez. (...) Todavia, quando me meto em uma entalada desta espécie sei que poderei sair dela mais tarde quando chegar o momento de aplicar a cor. O desenho é simplesmente o pretexto para o colorido. A cor é a tocada: desenho pertence ao reino da idéia. (...) Como disse, um pouco de cor dará vida à crina. (...) Agora de repente, meu cavalo está galopando, pondo fogo nas narinas. Mas com dois olhos ele ainda parece um pouco tolo, um pouco humano. Portanto apago um olho. Ótimo. Está ficando cada vez mais cavalares. (...) A fim de encurtar o trabalho e também para ver quanto espaço restará, introduzo uma quantidade de ousadas listras diagonais ou pranchas, para o soalho da ponte. Isto liquida pelo menos um terço do quadro, no que se refere à composição. Agora chegamos aos terraços, aos escarpamentos, às três árvores, às montanhas com cumes cobertos de neve, às casas e todas janelas que acompanham. (...) Árvores são coisas muito melindrosas. Fazer uma árvore e não um buquê! Embora eu ponha um relâmpago bifurcado dentro da folhagem, para dar uma sugestão de estrutura, não vai. Depois, algumas nuvens vaporosas para eliminar um pouco da folhagem supérflua. (É sempre um bom estratagema simplificar o problema eliminando-o) contudo, as nuvens parecem pedaços de papel de seda dobrados dos buquês nupciais. Uma nuvem é tão leve, tão menos que nada, mas não é papel de seda. (...) Está quase terminado, quanto ao desenho. Todas as coisas soltas embaixo eu junto para fazer portões de cemitério. (...) Minha teoria de pintura é fazer o desenho o mais



Henry Miller. Aquarela, 1967. Imagem encontrada no Livro MILLER, Henry. *Henry Miller, Ma vie et moi*. Paris: Stock, 1972, p. 131.



Henry Miller, Aquarela. Imagem encontrada no Livro MILLER, Henry. *Henry Miller, Ma vie et moi*. Paris: Stock, 1972, p. 134.

rapidamente possível e sapear a cor. Afinal de contas sou um colorista, não um burro de carga! *Alors*, vamos aos tubos! Começo pintando um lado de uma casa, um castanho escuro vivo. Não é muito eficiente. Ponho generosa quantidade de alizarina carmesim na parede ao lado dela.(...) Pensando melhor, não estou começando bem com minhas cores. (...) Tomando a faca de pão e mergulhando-a no laquê carmesim, aplico uma generosa dose às janelas das casas. Santíssimo Jesus! Imediatamente as casas ficam em chamas! (...) Ponho fogo em todas as casas – primeiro com carmesim, depois com escarlata e finalmente com uma terrível mistura de todos os três.(...) O resultado de meu incendiarismo é que queimei as costas do cavalo. Agora ele não é um cavalo.(...) Tornou-se um dragão comedor de fogo.(...) Com um sólido verde opaco e índigo cubro o cavalo. Em minha mente, é claro, ele ainda está ali. As pessoas podem olhar para este objeto opaco e pensar: Que estranho! Que curioso! Mas eu sei que no fundo existe um cavalo. (...) Dominado agora por uma fúria, tomo o pincel e, mergulhando-o sucessivamente em todas as cores, começo a lambuzar os portões do cemitério. Lambuzo e lambuzo até a metade inferior do quadro ficar grossa como chocolate, até o quadro ficar realmente cheirando a pigmento. Quando está completamente arruinado, fico ali sentado com um ocioso contentamento e giro os polegares. Depois, de repente, tenho uma verdadeira inspiração. Levo-o para a pia e, após molhá-lo bem, esfrego-o com a escova de unhas. Esfrego bastante e depois seguro o quadro de cabeça para baixo, deixando as cores coagularem. Em seguida, delicadamente, muito delicadamente, estendo-o sobre minha mesa. É uma obra-prima, posso garantir-lhe! Estou estudando-o há três horas... Podem dizer que é apenas um acidente, esta obra-prima, e é mesmo. (...) O que aparece agora diante dos meus olhos é o resultado de inúmeros erros, recuos, rasuras, hesitações; é também resultado de certeza.

Nesta aventura aquarelada, *Miller* não podia imaginar onde ia chegar. Todas suas idéias e pretensões em relação à sua aquarela foram por água abaixo, literalmente, molhadas e esfregadas dentro de uma pia. O resultado foi uma aquarela inesperada fruto de tentativas e erros.

No Reino da Aquarela



Jéssica, 16 anos. Aquarela, 148 × 210mm, 2014.

Para aquarelar é preciso material adequado, assim como em qualquer outra técnica: pigmentos de boa qualidade duram mais tempo sem desbotar no papel, e os tons são mais vibrantes; papel de qualidade resiste à água sem desmanchar, assim como resiste ao tempo; pincéis macios deslizam melhor no papel. Mas não é preciso muito para aquarelar: um ou dois pincéis bons, três pigmentos, uma porção de papéis grossos, um pote transparente, um paninho, água, tempo e abertura para a experiência.

Há muitas formas de trabalhar com a aquarela. Existe o estojo de aquarela que inclui pastilhas secas de pigmento com muitas cores e vários tons. Molhando o pincel na água e depois pressionando um pouco sobre a pastilha de cor, você obtém a tinta pronta para aquarelar no papel.

Existem também pigmentos em tubinhos que podem ser obtidos avulsos, com muitas cores e tons. Mas é interessante ter apenas as cores azul, amarelo e magenta (em vez de vermelho), pois a partir destas três cores você pode obter todas as outras cores e tons. Para preparar a tinta é preciso colocar um pouco de pigmento numa superfície branca,

como uma paleta, um prato ou um azulejo, depositar um pouco de água com o pincel e misturar. Com as três cores preparadas, você pode fazer as mistura e ir encontrando novas cores.

Esta é a matemática das cores: Azul mais amarelo é igual a verde, azul mais magenta é igual a lilás, magenta mais um pouquinho de amarelo é igual a vermelho, vermelho mais amarelo é igual a laranja, verde com um pouco de azul é igual a verde-azulado, lilás com um pouco mais de azul é igual a roxo, amarelo com um pouco de laranja é igual a um amarelo mais quente, amarelo com um pouco de verde é igual a um amarelo-limão, verde com vermelho é igual a marrom. Para conseguir tons mais terrosos você pode adicionar o bistre - junção de todas as cores, com água suficiente para deixar a mistura com um tom mais suave - com cada uma das cores. Enfim, existe uma infinidade de possibilidades. A compreensão sobre as cores é muito importante para a aquarela. Ao aquarelar estamos sempre fazendo um diálogo com as cores.

Para mim, trabalhar a partir da mistura destas três cores é a técnica mais interessante, pois ela envolve descoberta e uma relação mais íntima com as cores. Quando trabalhei com um estojo de aquarela não consegui produzir, pois as cores estavam prontas e não envolvia descoberta. Cada um pode encontrar uma forma de aquarelar.

Além disso, trabalhando desta forma, há uma harmonia na composição das cores, pois uma leva à outra, e cada uma tem um pouco da outra. Na impressora colorida utilizam exatamente estas cores. Perguntei ao foto-copiador porque não utilizam as cores primárias: azul, amarelo e vermelho. E ele me respondeu que azul, amarelo e magenta são cores mais abertas que as primárias, deixando a imagem mais vibrante. Se partir de cores já fechadas, será difícil depois abrí-las.

Quando eu cito a aquarela aqui no *Pensamento Aquarelado*, eu me refiro à técnica úmida, aguada. Esta técnica permite manchas espontâneas e resultados imprevisíveis: pode-se acrescentar pinceladas coloridas no papel úmido; pingos de água sobre tinta úmida em papel seco; pingos de tinta sobre tinta úmida no papel seco; uma pincelada de cor ao lado de uma pincelada de água, criando assim um degradê; e criar encontros de cores que se mesclam no papel. Nesta técnica você irá perceber as nuances de tons, a fluidez da água e o movimento dela em direção às bordas das pinceladas e das manchas.

Proposições Aquareladas

Quando, em Arte, falamos de proposição, é difícil não lembrarmos de *Lygia Clark*³² que afirmou que o artista é um propositor. Aqui sou a propositora. Proponho experiências. Faço um convite para abrir seus sentidos e experimentar. Na aquarela há muitas possibilidades. O que busco aqui com estas experiências é a construção de um *olhar aquarelado*. Proponho experimentar como um amador, que não sabe onde vai chegar, não tem pretensões de grandes resultados e por isso desfruta da experiência.

Para aquarelar é essencial:

Estar presente

Olhar atento

Janelar

Calma & tranqüilidade

Abandonar a pressa / dar tempo

Aceitar e aproveitar a mancha/o acaso

Fluidez da água

Sutileza & Suavidade

Deixar errar

Improvisar

Experimentar

Abandonar expectativas

Se permitir brincar

Conversar com a mancha

Falar com as cores



32. Em 1968, *Lygia Clark* afirmou: “Somos os propositores: somos o molde; a vocês cabe o sopro, no interior desse molde: o sentido de nossa existência. Somos os propositores: nossa proposição é o diálogo. Sós, não existimos; estamos a vosso dispor. Somos os propositores: enterramos a obra de arte como tal e solicitamos a vocês para que o pensamento viva pela ação. Somos os propositores: não lhe propomos nem o passado nem o futuro mas o agora”.

MILLIET, Maria Alice. *Lygia Clark – Obra e Trajeto*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1992, p.155.



Proposição I

O corpo como pincel, o mundo como uma grande aquarela

- Feche os olhos e sinta seus braços como se fossem pincéis. Abra os olhos e pinte o espaço com eles. Experimente movimentos fluidos e contínuos. Deixe fluir e se solte no espaço. Sinta as texturas, sinta as sensações. Você pode também imaginar as cores que está pintando.
- Agora seus ombros são pincéis. E depois seus pés são pincéis. E então sua cabeça é um grande pincel, e logo seu corpo inteiro.
- Feche os olhos, sinta seus pincéis repousados e as impressões que ficaram no seu corpo. Sinta o ambiente como uma aquarela feita por todos e o mundo como uma grande aquarela.



Proposição II

Vamos janelar o céu?

- Num ambiente aberto, deite-se no chão, na grama ou sobre uma toalha e olhe para o céu. Observe as mudanças de cores e tons e o movimento das nuvens. Tons, luzes, sombras, texturas e sensações. Olhe por um tempo até captar o movimento.
- Com água, pincéis, uma superfície branca e os pigmentos azul, amarelo, magenta, faça as misturas e encontre os tons do céu.
- Aquarele sobre o papel! Deixe a mancha de aquarela ser céu. Nada melhor do que a técnica da aquarela para representar o céu. Experimente tonalidades de cores, degradês, e o branco, que representa o vazio, a ausência de cor.



Guadalupe Rausch. Proposição I (Detalhe).

Aquarela, 148 × 210mm, 2012.

Por um bom tempo me perguntei qual seria a melhor técnica para representar o céu. O céu é suave, é manchado, com cores que surgem, se espalham e somem. É sutil, leve e transparente. Com formas que estão sempre em movimento. No céu não há muitos traços marcantes, não há contorno, nem formas fechadas. O céu, na verdade é uma grande mancha, ou a maior mancha do mundo, assim como o mar. Nada melhor que representá-lo com uma técnica aguada e sutil. Uma técnica que permite a mancha e nuances de cores.

Na aquarela o branco não é obtido através de um pigmento. Ele é a presença do papel em branco, é a ausência de cor. A ausência é tão importante quanto a presença das cores. O branco é que dá a leveza na aquarela, direciona o olhar e deixa a pintura “respirar”. É preciso saber quando parar de por tinta; depois de pintado, é difícil de obter novamente o branco do papel.

Proposição III

A mancha

- Jogue tinta aguada sobre o papel. Pode ser a água “suja” que fica no pote onde se limpa o pincel ou um resto de cor que sobrou da paleta.
- Deixe a mancha secar. Observe a mancha, as formas e imagens que surgem a partir dela. Imagine que outras formas podem surgir a partir dela.
- A partir desta mancha principal crie uma nova composição, aquarelando e acrescentando outras manchas e formas. Observe que esta mancha principal pode virar o fundo, ou a partir de camadas de pinceladas pode se transformar em uma outra forma.

Uma mancha numa roupa ou várias manchas numa toalha de mesa, por exemplo, tem muita história a contar. Cada uma delas surge de um certo jeito. Cada mancha é única. Algumas se sabe bem sua história, como, com quem e quando aconteceram. Outras são misteriosas. Não se sabe ao certo como surgiram. Elas trazem o tempo.



Inaye, 17 anos. Uma cerejeira. Proposição III, A mancha. Aquarela, 148 × 210mm, 2014.

Proposição IV

Janelando na escola

- Sentamos em frente de uma janela grande da escola, abrimos cortinas, venezianas, persianas e grades. Deixamos a janela livre para o nosso olhar *janelístico*. Normalmente na escola os professores não gostam que os alunos fiquem olhando pela janela. Mas aqui o convite é para fazer exatamente isso: Olhar para fora da escola.
- Que paisagem vemos? Que personagens? Que movimentos? Que histórias? Que lembranças surgem ao olhar pela janela? Passa uma menina de guarda-chuva engraçado, passa um carro com uma buzina diferente, há uma árvore que nunca havíamos visto, um prédio destacado lá longe e um movimento constante.
- Com traços, manchas e cores expressamos no papel aquilo que estamos *janelando*. Representamos num desenho aquarelado os personagens e elementos que estão sendo *janelados*.



Dado Nascimento, 35 anos. Proposição IV, Janelando na Escola. Aquarela, 210 × 297mm, 2014.

Proposição V

A água que flui

- Pense num objeto qualquer, você pode vê-lo ou imaginá-lo. Trace linhas no papel que representem este objeto. Que seja uma forma fechada.
- Molhe o papel e toda sua superfície.
- Aquarele esta forma fechada e observe a tinta se espalhando e manchando. Observe que a água não respeita traços nem fronteiras. Veja o surgimento das manchas. E o seu objeto, sua forma fechada, se abrindo e se transformando em alguma outra coisa.

Se for doloroso abandonar esta forma fechada, faça dois desenhos iguais, em um você poderá seguir este exercício, molhando o papel e aquarelando, e no outro você poderá aquarelar sem molhar o papel. Depois de secos, compare as duas aquarelas.



Guadalupe Rausch. Proposição V. Aquarela, papel seco, 210 × 297mm, 2011

Idem. Em papel molhado.

Proposições desenhadas

- I. Em viagem de ônibus, abra seu caderno e pegue uma caneta. De uma forma leve e solta, encoste a ponta da caneta no papel e deixe acontecer o desenho. Não direcione a caneta e nem impeça seu movimento. Você irá perceber que o desenho acontece mesmo se não direcionamos a caneta, pois há um movimento involuntário. O ônibus segue, e cada curva, cada parada, cada avançada, cada buraco na rua influencia no traço do desenho e direciona a caneta. O desenho acontece sem ser proposital. É surpreendente: podemos encontrar nestes rabiscos muitas formas. Mais tarde, se quiser, com a aquarela você pode adicionar a mancha, agora proposital (ou não). Olhe a sua interferência e veja o que ela causa no desenho, o que ela agora lhe sugere.



Guadalupe Rausch, Proposição Desenhada I. Desenho com caneta esferográfica e aquarela. 148 × 210mm, 2014.³³

33. Fiz este desenho numa viagem de ônibus, na última página da minha agenda. Quando olhei para ele vi vários rostos pequenos e acrescentei pinceladas de magenta para identificá-los. E também ao ver este desenho por inteiro pude encontrar a cabeça de um lobo.

Proposições de olhar, ou de Janelar

- I. Um pôr-do-sol: Observe as mudanças de cor no sol. E as manchas de cores que se formam nas nuvens. Veja o poente num dia em que não há nuvens no céu. E outro com muitas nuvens ou totalmente nublado. Veja a diferença de manchas, cores, tonalidades e movimentos. Veja a mudança de cores à medida que o sol se aproxima do horizonte. Cada segundo traz uma pintura diferente.

- II. As nuvens no céu: Veja as nuvens no céu. São manchas, não é mesmo? *Transveja*³⁴, olhe através delas. Que forma cada nuvem sugere? Observe que ela muda lentamente a cada milésimo de segundo. Essa forma desforma e forma outras formas.



Bruno, 13 anos. Aquarela, 148 × 210mm, 2014

34. *Transver*: transfigurar, desformar. Verbo inventado pelo poeta Manoel de Barros.

Relatos Poéticos de Algumas Experiências Aquareladas

Nesta seção gostaria de relatar de uma forma poética algumas experiências aquareladas que vivenciei em escolas. Aqui compartilho a experiência do estágio em escola formal, e também outras experiências em oficinas de aquarela que ministrei. Assim como experiências de ensino não-formal em que aconteceram as *Proposições Aquareladas*.

Da Água

Numa experiência em escola, propus a aquarela e percebi que alguns alunos tinham muita dificuldade de permitir a água no papel.³⁵

Aquarela não é desenho.

E não é pintura comum.

É uma pintura muito, muito aguada.

Tem gente que tem medo de errar.

E quando prepara a tinta põe pouca água.

E quando pincela, pincela seco.

Não há fluidez.

Sua aquarela não é plena.

E a pouca água impede de ser leve e translúcida.

Tem gente que tem medo de errar e quer fazer bonitinho.

E a aquarela fica dura, fica pesada.

A aquarela tem natureza leve e transparente.

Se quer pintar duro, usa guache, tinta à óleo, acrílica.

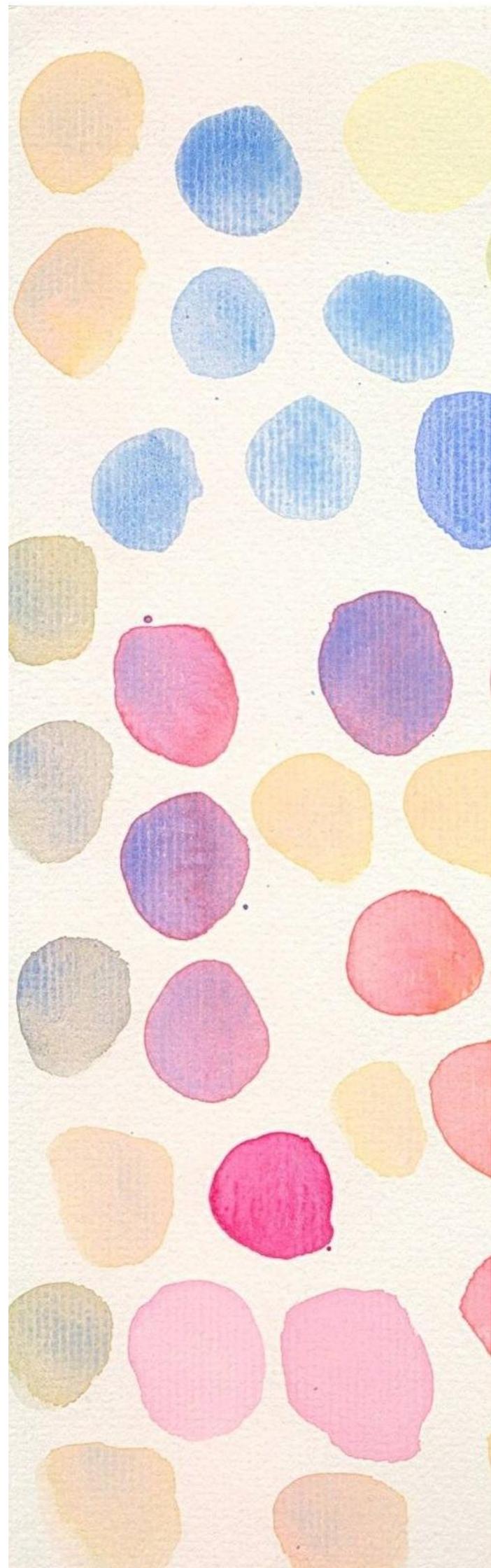
Se quer desenhar, desenhe.

Mas se quer aquarelar, deixe ela ser aquarela: leve, livre, transparente e imprevisível.

Não tenha medo da água.

Ela vai lhe ajudar a acontecer uma aquarela na sua plenitude.

35. Turma de 7º ano do Ensino Fundamental de escola pública, com alunos de 13 anos de idade, onde ministrei uma oficina de aquarela de dois dias.



As Cores

Em outra experiência, haviam alunos que estavam plenamente interessados em descobrir as cores: ³⁶

“Como faz o branco?”

“Como faz o preto?”

“Professora o marrom é cor terciária!”

“Adorei o degradê.”

“As cores se mancharam.”

“O laranja encontrou o azul no papel e deu uma cor diferente.”

“Como faz vermelho?”

Aquarelar é conversar com as cores.

*Cada aquarela é uma descoberta,
e é única.*

Uma cor nunca se repete.

*Um pouco mais de água,
um pouco mais de uma cor,
um pouco menos de outra.*

É uma alquimia.

Não tem receita.

A cor convida para experimentar.

36. Tuma de 5º ano do Ensino Fundamental de escola particular, com alunos de 10 anos de idade, onde realizei meu estágio.



Gabriel K., 10 anos. Aquarela, 210 × 297mm, 2014.



Gabriel R., 10 anos. Aquarela, 210 × 297mm, 2014.



As Manchas

Nas turmas onde ofereci propostas aquareladas a aula sobre “a mancha” foi uma das aulas que os alunos estavam mais envolvidos e interessados. Quando mostrei as imagens do “teste do borrão de tinta” viram mil coisas naquelas manchas, coisas que eu nunca havia visto antes nelas. Um menino levantou a mão e começou a contar para a turma que, quando estava fazendo terapia, lhe mostraram estas manchas para falar o que via. Disse que era um teste para descobrir a sua sabedoria.

“Uma borboleta, um pulmão...

Um inseto, uma nuvem, uns chifres, uma coroa...

Uns bichos, uma montanha, umas pedras...

*A Torre Eiffel, um caranguejo, um biquíni, uns passarinhos,
um floco de neve...*

Duas pessoas se beijando!”

Uma mancha sempre pode ser outra coisa além-mancha,

Suas imagens nunca cessam.

Cada vez que olhamos pra elas, elas estão diferentes,

Imagens novas podem surgir.

É como olhar o céu.

O mundo é um espelho.

O que vemos é reflexo de nós mesmos.

Após refletirmos questões relacionadas à mancha, os alunos se mostraram muito dedicados em realizar a Proposição III. Criando uma forma a partir de uma mancha ocasional, acrescentando desenhos e pinceladas.



Luiza, 10 anos. Uma Girafa. Proposição III, A mancha. Aquarela e lápis, 148 × 210mm, 2014.



Pedro, 10 anos. Olhares. Proposição III, A mancha. Aquarela e lápis. 148 × 210mm, 2014.



Jeniffer, 16 anos. Dente-de-leão. Proposição III, A mancha. Aquarela. 148 × 210mm, 2014



Samuel, 16 anos. O skatista. Proposição III, A mancha. Aquarela e lápis, 148 × 210mm, 2014.



Angela Longo, 21 anos. Proposição III. Aquarela, 148 × 210mm, 2014.³⁷



Cristina Schimitz, 50 anos. Proposição III. Aquarela, 148 × 210mm, 2014.³⁷

37. Estas duas aquarelas foram realizadas numa oficina para alunos da Licenciatura em Artes Visuais.

Papel Molhado

Uma turma³⁸ de adolescentes fez a Proposição V, A água que flui. No começo estavam com receio de aquarelar no papel molhado, pois para isso teriam que soltar a expectativa e deixar acontecer a experiência. Logo após ficaram surpreendidos com os resultados, encontrando novas possibilidades da aquarela.

*“Está manchando,
a água borrou a aquarela.”*

*A água não respeita limites.
Quando a tinta é pincelada no
papel molhado ela se espalha,
Causando encontros de cores e
efeitos translúcidos.*

Como é difícil soltar.

*Para aquarelar com o papel
molhado é preciso abandonar o
controle e relaxar para
contemplar a surpresa.*

*Quando a aquarela secar,
podemos nos surpreender com
resultados inesperados.*



Julya, 16 anos. Proposição V. Aquarela em papel seco, 148 × 210mm, 2014.



Julya, 16 anos. Proposição V. Aquarela em papel molhado, 148 × 210mm, 2014.

38. Turma de 1º ano do Ensino Médio de escola estadual, com alunos de 15 a 18 anos de idade, onde também realizei meu estágio.

Aquarela Botânica

Vamos janelar? Com papel e lápis na mão, as crianças foram para o bosque da escola observar a paisagem e escolher uma planta, animal ou outro elemento da natureza para janelar e desenhar. Após retornarem à sala para acrescentar a aquarela no desenho. Como artistas viajantes em meio a uma missão etnográfica ficaram com os olhos atentos para pescar algo que lhes chamassem a atenção.³⁹



Iago, 13 anos. Aquarela. 148 × 210mm, 2014.



Gabriel K., 10 anos. Flor Escova-de-garrafa. Aquarela. 148 × 210mm, 2014.

39. Na turma do 5º ano do Ensino Fundamental de escola particular os alunos desfrutam de um espaço privilegiado de bosque, jardim e horta, com a presença de pequenos animais como coelhos, tartarugas, peixes e passarinhos.

Janelada na Escola

Vamos *janelar*? Após ler o texto *janelar*, os alunos⁴⁰ viraram as cadeiras em direção à janela, mantiveram um pouco de silêncio e *janelaram* algo que estavam vendo através das janelas. Com desenho e aquarela fizeram o registro daquela *janelada*.



Jeniffer, 16 anos. Proposição IV, Janelando na Escola. Aquarela, 210 × 297mm, 2014.



Franciele, 16 anos. Proposição IV, Janelando na Escola. Aquarela, 210 × 297mm, 2014.

40. Turma de 1º ano do Ensino Médio de escola estadual, com alunos de 15 a 18 anos de idade, onde também realizei meu estágio.

A aquarela pra mim,

Depoimentos de alunos



Gabriel K., 10 anos

Eu gostei muito. Nunca tinha misturado e criado tantas cores com a aquarela. Para mim foi significativo, porque acho que fiz desenhos bem bonitos, me agradaram muito os resultados das aquarelas. E me desafiou aceitar a mancha.



Gabriel R., 10 anos

Eu gostei da experiência porque eu gostei de misturar cores e saiu do jeito que eu queria. Eu achei fácil fazer aquarela. Mas eu achei mais fácil fazer paisagens do que pessoas, porque uma pessoa tem mais detalhes e a tinta se espalha.



Clarissa, 10 anos

Gostei muito da nossa experiência, porque é a primeira vez que eu faço aquarela. Foi muito significativo porque fizemos muitas pinturas e também porque veio a Laura Castilhos mostrar as pinturas dela. Me agradou fazer o nosso quadro porque vai ficar na nossa escola. Foi desafiador quando não dava certo a pintura porque manchava ou escorria.



Giovanni, 10 anos

Eu adorei a experiência com aquarela. Descobri que não é preciso ter uma paleta pronta e que não existe só tinta têmpera para usar em pintura. O que eu mais gostei foi o resultado final das aquarelas e o que me desafiou foi que a água manchava muito.



Angela, 15 anos

Gostei muito de aprender aquarela. Todas as possibilidades de cores num só local me deixou impressionada. Foi muito significativo. Gostei muito das aulas. O que mais me desafiou foi conseguir desenhar direitinho.



Inaye, 17 anos

Nunca tinha pintado antes com a aquarela. É bem legal brincar com as cores, observar as manchas e descobrir desenhos. Me desafiou desenhar e depois aquarelar. Não gosto muito de desenhar e fica difícil pintar com a aquarela, pois mancha.



Franciele, 16 anos

Gostei da experiência porque com o nosso professor nós só fazíamos desenhos já feitos, só tínhamos que pintá-los. O que mais me agradou foi quando sem medo de errar fazíamos coisas que nem nós acreditávamos. Sairam aquarelas bem legais. O que mais me desafiou foi observar a paisagem e desenhar.



Rayanne, 18 anos

Gostei da experiência de misturar e preparar as cores, e gostei também do resultado. Adorei essa palavra *janelar*, adorei o que ela significa.



Jeniffer, 16 anos

Foi muito significativo. Foram aulas diferentes das que eu estava acostumada a ter. Acho que o que mais me agradou foi quando a gente usou água sobre as pinturas sem se preocupar se ia borrar ou não o desenho.



Fotografias



1

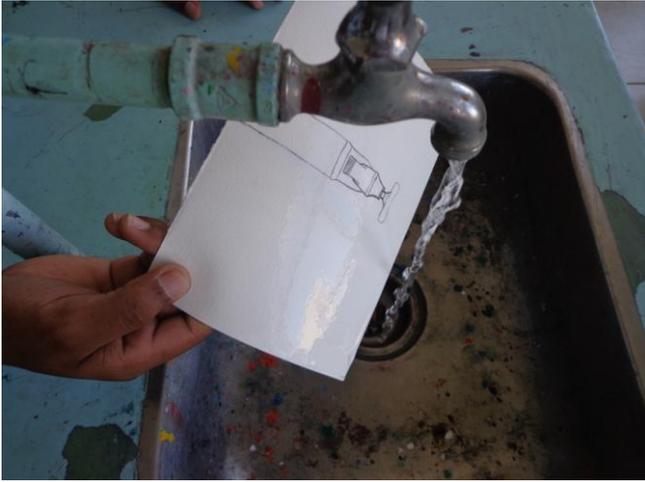


2



3

1. Turma de 1º ano do Ensino Médio fazendo suas primeiras aquarelas experimentais.
2. Gabriel, um dos alunos da turma de 5º ano do Ensino Fundamental, observa e desenha a flor escova-de-garrafa, para realizar a aquarela botânica.
3. Proposição III, A mancha: Jeniffer olhou a mancha e viu a flor de dente-de-leão. Então acrescentou pinceladas criando uma paisagem para a flor.



4



5



6

4. Proposição V, A água que flui: Samuel, aluno da turma do Ensino Médio, molha na pia o papel com o desenho do objeto observado.
5. Andressa realizou a mesma proposição: desenhou duas penas, temática que lhe agrada e que é recorrente em suas aquarelas.
6. Surgiu na turma do 5º ano uma vontade de deixar sua marca na escola, pois é o último ano da turma nesta escola. Realizaram uma aquarela em conjunto em tamanho A1, a partir de uma foto deles na casinha da árvore no pátio.



7



7. *Janelada* na Escola: As alunas do Ensino Médio sentaram em frente à janela da sala, *janelaram* a paisagem e criaram suas aquarelas



8

8. A aquarelista *Laura Castilhos* fez uma visita na turma do 5º ano. Trouxe suas aquarelas e ilustrações para compartilhar com a turma. Os alunos também mostraram suas aquarelas e aproveitaram para perguntar sobre a técnica e o processo criativo.



9

9. Na última aula, os alunos se reuniram em volta de suas aquarelas. Fizeram uma análise apreciativa da sua produção, apontando aspectos interessantes e conversando sobre a experiência.



Um Fechamento Aberto

Aqui nesta seção trago uma conclusão aberta, que não tem final. Ao finalizar este caminho, reconheço que não há caminho e que o caminho se faz ao andar. A aquarela se faz ao aquarelar. O texto se faz ao escrever. Nada está traçado, o caminho é imprevisível. Não se sabe ao certo o que irá acontecer. E o final é resultado de um longo caminho percorrido com incertezas, desafios, descobertas e surpresas. Sei que em conclusões não é recomendado fazer citações, porém não posso deixar de citar *Antonio Machado*⁴¹ que escreveu uma belíssima poesia sobre o caminho:

Caminante, son tus huellas
el camino y nada más;
Caminante, no hay camino,
se hace camino al andar.
Al andar se hace el camino,
y al volver la vista atrás
se ve la senda que nunca
se ha de volver a pisar.
Caminante no hay camino
sino estelas en la mar.

Caminhante são seus passos
o caminho e nada mais;
Caminhante, não há caminho,
se faz o caminho ao andar.
Ao andar se faz o caminho,
e ao voltar a vista atrás
se vê a senda que nunca
há de voltar a pisar.
Caminhante não há caminho
somente rastros no mar.

41. Trecho poético de *Proverbios y cantares XXIX* em *Campos de Castilla*. Não há mais informações de dados bibliográficos. Disponível em <http://www.poemas-del-alma.com/antonio-machado-caminante-no-hay-camino.htm> . Acesso em 23/11/14.

Através da justificativa da aquarela escrevi sobre uma forma de ver e experienciar o mundo. Pude escrever o que sinto e o que acredito de uma forma poética. Descubro que um trabalho de conclusão pode ser divertido de escrever. Afinal de contas, se não pudermos escrever poeticamente um trabalho de conclusão de curso de Arte, onde vamos fazer isso, no curso de Engenharia?

Na experiência de escrever o *Olhar Aquarelado* descobro que para mim Arte é experiência no sentido clareado por Larrosa. Para acontecer a experiência é preciso abertura, tempo, dúvida, curiosidade. Envolve descoberta, não tem respostas prontas e o conhecimento adquirido é único para cada pessoa, pois cada uma sente e vê o mundo de um jeito legítimo. Arte é experimentar, descobrir e deixar acontecer a experiência. Na educação infantil me parece que a Escola dá importância para atividades de experimentação. Por exemplo: pintar com as mãos, desenhar no chão, desenhar no corpo, explorar diferentes materiais. Estas atividades estão plenas de pura descoberta.

Quando a criança vai crescendo e aprendendo a ler, escrever, e aprendendo matemática e ciência, as atividades de experimentação e descoberta deixam de ser importantes para a Escola, como já dizia Lowenfeld⁴² em 1954. Pois é preciso saber como as coisas são, ou seja, saber das “verdades” já legitimadas. E já não tem mais valor ter a dúvida e a curiosidade que faz com que a criança descubra suas próprias verdades.

Nas oficinas e aulas de aquarela que ministrei percebi que as *Proposições Aquareladas* funcionaram. Os alunos se motivaram a seguir as instruções. Alguns maiores⁴³ estavam mais interessados em realizar a aquarela da proposição do que uma aquarela com a temática e técnica livre. Percebi que nas aquarelas livres esses alunos não se dedicavam muito, faziam de qualquer jeito para terminar logo. Surgiam aquarelas com aqueles desenhos estereotipados que conhecemos bem. Enquanto nas proposições se surpreendiam com aquarelas criativas, com desenhos não convencionais.

Ao ler os depoimentos de alunos a respeito da experiência podemos perceber que a mancha é um elemento que chama a atenção e que convida a desafios. A mancha é elemento muito importante da aquarela. E deve ser olhada com carinho, pois tem a ver com nossas expectativas e frustrações. Além de ser fonte de novas idéias.

42. LOWENFELD, Viktor. *El niño y su arte*. Buenos Aires: Editora Kapelusz, 1958, p. 4 a 8.

43. Alunos com a idade de 15 a 18 anos, da turma de 1º ano do Ensino Médio de escola estadual.

A elaboração deste escrito sobre a aquarela poderá influenciar no meu trabalho artístico. Penso que minhas aquarelas não serão as mesmas depois destas reflexões aquareladas. Sigo amando a aquarela, sigo amadora.

A arte *transvê* o mundo. O mundo precisa dela. As pessoas precisam de poesia, sonho, descoberta, olhar, reinvenção. É preciso *transver* o mundo, como escreveu *Manoel de Barros*. É preciso reinventar o mundo através dos olhos. Assim como é preciso *transver* a Escola, desformá-la, reinventá-la. É preciso *janelar* na escola, abrir as janelas das salas de aula: professores e alunos olhando para o mundo com um olhar atento, presente, uma experiência de olhar. É preciso deixar acontecer a experiência na Escola, pois no fundo é tudo que buscamos durante nossa vida: experiências significativas. Não é preciso buscar tanto, a experiência pode acontecer aqui, é só abrir os olhos.



Pedro, 10 anos. Aquarela e caneta nanquim, 148 × 210mm, 2014.



Bibliografia

BANDEIRA, Julio (texto e organização). *Jean-Baptiste Debret, Caderno de Viagem*. Rio de Janeiro: Editora Sextante Artes, 2006.

BARNES, Mellish & Glynis. *Oficina de Aquarela*. São Paulo: Editora Ambientes & Costumes, 2010.

BARTHES, Roland. *Roland Barthes por Roland Barthes*. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 2003.

CORTÁZAR, Julio. *A volta ao dia em 80 mundos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

CORTÁZAR, Julio. *Papéis Inesperados. Conto Janelas para o Insólito*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2010.

DE BARROS, Manuel. *Poesia Completa*. São Paulo: Editora Leya, 2013.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Pintura Encarnada*. São Paulo: Editora Escuta, 2012.

DELEUZE, Gilles. *Francis Bacon- Lógica da Sensação*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

FERRAZ, Daniele Noal Gai Wagner (organização). *Parafernália I: diferença, artes e educação*. Porto Alegre: Editora INDEPIN, 2013, p. 67-75.

HOLM, Anna Marie. *Baby Art*. São Paulo: MAM Museu de Arte Moderna de São Paulo, 2007.

JUNG, Carl G., *O Homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1964.

KAPLAN, Alberto (curadoria). *Aquarela Brasileira – Catálogo de exposição*. Rio de Janeiro: Centro Cultural Light, 2001.

KOCH, Tereza. *Aquarela e seus segredos*. Editora Olhar Brasileiro, 2008.

LARROSA, Jorge. *Notas sobre a experiência e o saber da experiência*. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, jan/fev/mar/abr. 2002, n.19.

MANRIQUE, Ana. *Todo sobre la técnica de Aquarela*. Barcelona: Editora Parramón, 6ª Edição, 2011.

MILLER, Henry. *Primavera Negra*. São Paulo: Editora Ibrasa, 2ª Edição, 1968.

MILLER, Henry. *Sexteto*. São Paulo: Editora Agora, 1985.

MILLER, Henry. *Henry Miller, Ma vie et Moi*. Paris: Stock, 1972.

MILLIET, Maria Alice. *Lygia Clark – Obra e Trajeto*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1992.

MOTTA, Edson. *Iniciação à Pintura*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1976.

NOVAES, Adauto (organização). *O Olhar*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 9ª impressão, 2002.

PESSOA, Fernando. *Poesia Completa de Alberto Caeiro*. São Paulo: Editora Companhia de Bolso, 2005.

SAINT-EXUPERY, Antoine de. *Le Petit Prince*. Paris: Editora Folio, 2009.

SMITH, Ray. *Manual Prático do Artista*. São Paulo: Editora Ambientes & Costumes, 2008.

TIBURI, Márcia. *Aprender a ver é descobrir o olhar*. Jornal do Margs, edição 103. Porto Alegre: Margs, (setembro/outubro).

TOKITAKA, Janaina. *Aquarela*. São Paulo: Brinque-Book, 2012.

WOOLF, Virginia. *A Marca na Parede*. In. Selected Short Story. Inglaterra: Editora Penguin Books, 1993, p. 53-60.

Referências Eletrônicas

SETZER, Valdemar W. *Um antídoto para o pensamento computacional* . Disponível em:

<http://www.ime.usp.br/~vwsetzer/antidoto.html>. Acesso em 3 de junho de 2014

Dicionário Raciocinado das Licenciaturas. Disponível em:

www.ufrgs.br/dicionariodaslicenciaturas

Vídeo Documentários

Janela da Alma. Argumento, produção e direção de João Jardim, co-direção e fotografia de Walter Carvalho, 2001.

Só dez por cento é mentira. Direção e roteiro de Pedro Cezar, 2009.



Se não houver frutos, valeu pela beleza das flores.
Se não houver flores, valeu pela sombra das folhas.
Se não houver folhas, valeu pela intenção da semente.

Henfil